

Projeto Barbas Trilogia Goyaz

Organização

Cia Nu Escuro



apresentação



SECRETARIA DE
CULTURA



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento ao Teatro do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2018

realização



apresentação



SECULT
Secretaria de
Estado de
Cultura



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento ao Teatro do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2018



Projeto Barbas
Trilogia Goyaz

Copyright©Cia Nu Escuro de Teatro

Todos os direitos reservados; a reprodução total ou parcial desta obra será permitida com conhecimento do detentor dos direitos.

Cia de Teatro Nu Escuro

Presidente: *Lázaro Moreira Gomes Júnior*

Conselho deliberativo e elenco: *Abilio Carrascal, Adriana Brito, Eliana Santos, Hélio Fróes, Izabela Nascente, Lázaro Tuim*

Conselho Consultivo: *Bruno Garajau, Milena Jezenka*

Ebook Trilogia Goyaz

Colaboradores: *Lázaro Tuim, Adriana Cruz, Daniel Arcades, Helio Fróes, Izabela Nascente, Nilton Rodrigues, Pedro Plaza,*

Dram. Plural: *Abilio Carrascal, Hélio Fróes, Izabela Nascente*

Dram. Gato Negro e Pitoresca: *Hélio Fróes*

Fotografias dos espetáculos: *Layza Vasconcelos*

Fotografias de bastidores: *Fotos de arquivo*

Programação visual: *Marcos Lotufo*

Produção executiva: *Lázaro Tuim*

Encontre-nos por aqui:

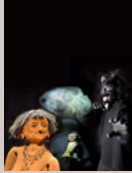
<https://linktr.ee/nuescuro>

ou escreva-nos para:

nuescuro@gmail.com



Sumário



ISBN – Expediente

Sumário

Apresentação

Introdução

Uma jornada da criação: fases de uma emergência estética plural

Izabela Nascente e Pedro Plaza

1. O trabalho de resistência do teatro de grupo: elaboração e colaboração

2. O desafio da profissionalização: circo, música, formas animadas e outras expressões populares

3. As formas animadas, a expansão dos limites do teatro e a manutenção de um espaço de trabalho

Plural

– Release

- Texto Convidado - Adriana Cruz

- Texto Diretor - Izabela Nascente

- Ficha Técnica

– Premiação

– Fotos

Gato Negro

- [Release](#)
- [Texto Convidado – Nilton Rodrigues](#)
- [Texto Diretor - Hélio Fróes](#)
- [Ficha Técnica](#)
- [Premiação](#)
- [Fotos](#)

Pitoresca

- [Release](#)
- [Texto Convidado – Daniel Arcades](#)
- [Texto Diretor - Hélio Fróes](#)
- [Ficha Técnica](#)
- [Premiação](#)
- [Fotos](#)

Dramaturgia Goyaz - textos completos

- [Plural](#)
- [Gato Negro](#)
- [Pitoresca](#)

Texto Final

Colofão

Apresentação

O e-book que os leitores e leitoras terão a oportunidade de conhecer, registra parte do trabalho desenvolvido pela Cia de Teatro Nu Escuro, que no ano de 2012 estreou *Plural*, considerado o primeiro espetáculo da Trilogia Goyaz que conta ainda com *Gato Negro*-2013 e *Pitoresca*-2015.



Concebido como uma das ações do projeto *Barbas*, que conta com o fomento do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás-2018, o e-book *Trilogia Goyaz*, visa documentar e divulgar o trabalho desenvolvido com os espetáculos da trilogia, ampliando os sentidos do fazer teatral.



Inicialmente, além de um texto introdutório, os leitores e leitoras poderão conhecer uma pouco mais sobre o processo de trabalho da Cia através do texto 'Uma jornada de criação'. Em seguida, o e-book traz o release, um

texto de uma pessoa convidada, um texto de cada diretor dos espetáculos, ficha técnica, premiações e fotos de cenas e de bastidores. Por fim, a dramaturgia autoral de cada espetáculo.

A todos e todas, uma boa leitura.



Introdução

Em 1996 um grupo de treze jovens entre 16 e 20 anos, juntamente com o seu professor de teatro, montam um espetáculo e viajam para cidade de Santos, para participar de um festival de teatro de grupo.

Um deslumbre e desbunde total.

Contudo, a sensação após o debate do espetáculo foi traumática e ao retornarem para Goiânia, apenas cinco dos treze jovens compareceram ao próximo ensaio.

Nascia ali a Cia de Teatro Nu Escuro, que carinhosamente chamamos de A Nu.

De lá para cá, diretores, atores e atrizes, técnicos, produtores, iluminadores, cenógrafos, amigos e agregados, fizeram e fazem parte da história deste grupo que entre apresentações, viagens, reuniões, festinhas, prêmios, cachaças, ressacas, filhos, choros, risos, conquistas, decepções, músicas, bonecos, borderôs, cachês, chapéus, praias,



cachoeiras, aeroportos, hotéis, vans e festivais, acumularam muita, mas muita história e estórias.

No ano de 2009, durante o processo de montagem do espetáculo Preciso Olhar, nos deparamos com o conceito de identidade e a inquietude diante dele, nos despertou o desejo de refletirmos sobre as nossas identidades e as possibilidades de intervenções cênicas. Produzimos três espetáculos, que denominamos como, Trilogia Goyaz.



Plural, o primeiro espetáculo da trilogia foi concebido a partir de relatos das histórias de vida de nossas mães, que na infância viviam no ambiente rural e viram suas vidas tomar

novos rumos ao mudarem para a cidade durante a adolescência na segunda metade do século XX.

O próximo espetáculo foi apresentado ao público pela primeira vez à meia noite de uma sexta-feira, em uma praça pública da cidade de Goiânia. Era Gato Negro, que conduzia o público para o final do século XIX, revisitando a formação rural do estado de Goiás, trazendo para o centro da cena, três irmãs que lutam para manter uma fazenda afundada em dívidas.

Por último, “viajamos” alguns séculos e na confluência entre os povos que aqui habitavam e foram chamados de índios, com o europeu e os africanos, brutalmente trazidos para este país, estreamos Pitoresca.

No alvorecer do ano de 2020 um novo desafio nos bate à porta, o projeto BARBAS, que tem entre suas ações a produção deste e-book, que busca documentar o trabalho desenvolvido pela Cia e Teatro Nu Escuro no decorrer dos anos.

Um registro das lembranças e memórias de parte da trajetória de um grupo de teatro que busca se reinventar cotidianamente, mantendo acesa a chama que os une e os nutre.

Evoé.



Uma jornada da criação

fases de uma emergência estética plural

Izabela Nascente e Pedro Plaza

1. O trabalho de resistência do teatro de grupo: elaboração e colaboração

Não basta dizer que um grupo nasce, é necessário explicar de onde vem o impulso para o salto na labuta da imaginação comum. Os dois principais aspectos da origem deste grupo, que apontam as linhas gerais da sua caracterização estética foram a inquietação de jovens em trabalhar com teatro de forma coletiva e a resistência diante das contingências e das dificuldades que normalmente exaurem em pouco tempo um coletivo teatral com relações horizontais. Em primeiro lugar, está o tesão pelo teatro e pela sua experimentação com pensamentos e atitudes livres – instigados pelo nosso grande amigo e professor, Sandro di Lima –, que contribuiu para converter mais uma geração de devotos à curiosidade do contínuo aprendizado. A origem do grupo forja também um segundo dado

definidor de toda a trajetória, da persistência em face da ameaça de que tudo fosse para o brejo, como de fato acontecia sistematicamente no contexto local.



A vaca mugia muito, mas era tangida cada vez para pastos mais frescos da elaboração do coletivo com parceiros que se tornaram colaboradores e colaboradoras fraternos. Atrizes e atores criadores confrontados com a impossibilidade podem reinventar a sua existência e aboiar novos destinos, necessariamente buscando novas linguagens e

propondo novas formas de relações, que não se perdem e se multiplicam. Assim nascia um grupo de teatro no final do século XX, interessado na leitura sistemática do teatro moderno brasileiro em sua face urbana (Nelson Rodrigues), em sua face rural (Jorge de Andrade) e em sua tradição popular (Ariano Suassuna).

O interesse inicial pelo domínio da palavra é bastante sintomático da atitude diante da linguagem: negar a impossibilidade de existir, negar que um grupo de teatro dê certo, negar que o trabalho comum e coletivo não tenha continuidade. No deslizar de sentidos, das negações parte-se para afirmações. Somos negros e negras, nascemos escuros, pretas, pobres, pelados. Estamos nus. Fazer teatro não se reduz às vaidades de quem quer estar em cena, mais do mesmo no nosso mundo hipermoderno. Ao contrário, a resistência do simples e do comum no aprendizado ao redor do processo de criação e fatura da cena conduz imediatamente o coletivo ao gesto político que, de tão enervado nessa estética existencial, não precisa ser sancionado ou reverberado como arte política.

Não havia, afinal, um centro do processo de

criação: o diretor. São espíritos livres que devem se manifestar pela postura sem preconceitos, por vezes chocante porque habitualmente renovadora, mas sempre terna e buscando o diálogo.

Era preciso não se acomodar. Havia muito o que tocar, dançar, cantar e afinar, conforme ensinou Reginaldo Saddi, figura fundamental na trajetória da Cia de Teatro Nu Escuro porque representou este cruzamento entre vida e trabalho, amor à liberdade e busca por um teatro sem amarras. O conhecimento sobre a expressão popular na origem da música popular brasileira é proporcionado pela liderança deste artista-professor (espetáculo Melodia Parati).



2. O desafio da profissionalização: circo, música, formas animadas e outras expressões populares

A Cia de teatro Nu escuro experimenta, investiga e vivencia os diversos modos de expressão do fenômeno teatral. Além disso, mantêm repertório com peças apresentadas nos mais variados espaços: do palco à rua e em espaços alternativos como museus e galpões. A expansão dos limites normais da cena e a busca do público levam à rua, num processo antes esboçado com a busca da profissionalização (Lá vai o rio), mas só plenamente realizado com Carro caído, Seu palácio conta histórias e O Cabra que matou as cabras.

A atuação e a canção, a sonoridade e o ritmo, a apropriação dos elementos da oralidade e da cultura



popular em contraponto com a história oficial e o teatro burguês se realiza com a criação dos atores- criadores e com jornada formativa que foi proporcionada pelo amigo e mestre Reginaldo Saddi e seu amigo Amir Haddad – mestre de mestres.

A intervenção no ambiente da universidade ocorrera a partir do convite de Sandro di Lima e Carlos Magalhães. Era no antigo galpão da UFG que se convivia com a Quasar Cia de Dança e com outros parceiros, amigos-mestres, como Maneco Maracá. Os jovens atores e atrizes, agora estudantes universitários, desejavam saber mais sobre a linguagem popular do circo com o mestre-palhaço e se sustentavam como iluminadores e produtores ligados à Quasar, ao passo que eram bolsistas de projetos de pesquisa e de intervenção social na universidade.

A realização de um teatro marcado pela relação horizontal entre os integrantes se aprofunda neste segundo capítulo da emergência estética deste coletivo teatral. A formulação de uma etapa mais profissionalizada além de Hélio Fróes, Lázaro Tuim e Mckeidy Lisita a Cia havia agregado novos

integrantes – Izabela Nascente, Adriana Brito, Abilio Carrascal e Eliana Santos. Surgem demandas que tornam ainda mais complexas as relações entre atrizes e atores, criadores e produtores: era urgente consolidar um local onde se pudesse exercitar a interação, de acordo com o paradigma das decisões tomadas de modo coletivo entre os integrantes. A Cia começa a experimentar a direção dos espetáculos feita por atores do grupo.

A busca pela participação do público é outro fator fundamental. Esta participação é efetivada durante as montagens dos trabalhos, por meio de ensaios programados, sempre com a presença do público. A construção do espetáculo se realiza como um diálogo entre produção, atuação e recepção.

Entretanto, como foi realizado, em termos estéticos, esta inclinação sobre a comunicação e participação do público? A resposta diz respeito ao interesse comum dos integrantes: a viagem de procura e sedução do público se iniciara com a comédia, com ancoragens ou paragens no cais do teatro popular pela farsa, com músicas e brincadeiras populares que tem origem no circo. A lanterna de fogo da iluminação desta eterna descoberta e (re)encontro

com as matrizes orais do teatro tem o objetivo de servir como equalizadora da tríade construída entre o público, ator e o texto, ou “quem vê, o que se vê e o Imaginado”, como lembra outro professor, Robson Camargo, a respeito da definição de teatro (na tese *Melodrama: o princípio da incerteza*, de 2005).

Os integrantes, além do trabalho artístico, se envolvem também na maioria das funções administrativas e financeiras, inclusive nas



montagens e desmontagens, de peças ou cenários, espaços e intercâmbios artísticos. É um coletivo típico daquilo que ficou conhecido como “pós-modernidade”.

Maffesoli, em *O instante Eterno*, ao definir as características de relações na condição pós-moderna, diz que “o que está em jogo são grupo, neo tribos que investem em espaços específicos e se acomodam nele”, ainda que haja, no mesmo impulso,

“o surpreendente retorno aos valores arcaicos ao primeiro plano social, o tribalismo, o nomadismo [que] debilitam nossas certezas de pensamentos e nossas maneiras de ser”.

A permanente busca de aprimoramento do aspecto sonoro-rítmico-musical conduz Abilio Carrascal à profissionalização na área. Todo o grupo se enriquece neste processo, uma vez que a tarefa e reflexão sobre a atuação já havia sido muito incrementadas com a presença e incorporação das atrizes Adriana Brito e Eliana Santos. É o momento em que também já participavam ativamente parceiros de vida, seja na parte técnica e de pesquisa (Bruno Garajáu e Allyson Garcia), seja no incremento muito considerável da administração e planejamento financeiro, com Milena Jezenka, Marcelo Carneiro e Marci Dornelas). A etapa do profissionalismo havia sido finalmente atingida e a atual configuração do grupo se estabelecera no mesmo impulso.

3. As formas animadas, a expansão dos limites do teatro e a manutenção de um espaço de trabalho

O desafio da profissionalização batera à porta.

O grupo consegue, então, se manter através de contínuas pesquisas para montagens teatrais e cria projetos para editais públicos direcionados a ações culturais e propostas de intercâmbios.

Pontualmente o coletivo faz convites a amigos diretores para parceria em montagens: primeiro um convite a Hugo Rodas que cooperou com a direção de Hélio Fróes para abordar o tema da alteridade em Machado de Assis (O Alienista); depois, outro convite para o amigo de sempre Henrique Rodovalho trabalhar a questão da identidade (Preciso olhar).

Em novo contexto da conjuntura local e nacional, começam a aparecer as premiações de projetos e os convites para festivais e turnês. Os aprendizados sobre os temas da identidade e da alteridade correm junto com a entrada mais efetiva na rede mundial de computadores, além de demonstração pública

de domínio da produção de vídeo (Sob a terra vermelha – vídeo dirigido pela parceira e amiga Rô Cerqueira) e de crescimento exponencial da linguagem das formas animadas e de bonecos quando é criado um espetáculo inteiramente dedicado à linguagem, sob a batuta, talento e conhecimento de Izabela Nascente (Envelopes).

A linguagem das formas animadas é estudada enquanto se aprofunda a relação com outro grande mestre e amigo, Marcos Lotufo, com quem o grupo se identifica em termos de visão de mundo nas formas do agir político atento ao outro, de paciente escuta.

Inicia-se, então, a colaboração com o festival Galhofada, expressão mais cristalina do sentido de gratuidade do encontro e do trabalho compartilhado.

A demanda de criação e produção faz com que o grupo se ramifique em suas áreas de atuação e circule com o trabalho em outras cidades, outros estados e até outros países. Assim, o coletivo identifica-se com uma espécie de “nomadismo artístico” – como elabora Maffesoli – promovido

pelos intercâmbios com outros artistas, com outras linguagens, e, sobretudo, com outras platéias de seu estado e de outras localidades, permitindo tanto se surpreender como se deixar afetar em seu trabalho. O desafio da profissionalização é vencido com a estabilização de espaços-sedes onde se sociabiliza com agregados e amigos.



Na montagem dos espetáculos podem ser identificadas estas misturas de experiências e vivências. Dessa forma passam a ser o teatro e a teatralidade os elementos centrais que dialogam com diversas

linguagens, o centro do furacão em torno do qual roda a dança, a música, a escrita e os objetos. Estas linguagens estão presentes de forma bem explícita na montagem dos últimos espetáculos (Plural e Gato Negro), escritos, criados e confeccionados pelos integrantes do grupo e outras pessoas a quem o grupo chama carinhosamente de agregados. São amigos em comum dos integrantes que opinam e

participam da concepção das montagens e da parte técnica. São as parcerias cotidianas que ajudam a pensar o fazer teatral e o mundo em que se vive, dentro da lógica da horizontalidade, em que se pressupõe não um “suposto saber”, mas um permeiar, um atravessar de saberes.

Neste encontro, também há uma valorização e um diálogo entre a pesquisa individual dos integrantes e o exercício de composição do personagem, como, por exemplo, a partir dos interesses de Lázaro Tuim, competente ator-produtor, ex-professor de dança de salão com trabalhos como coreógrafo e agitador cultural, nosso eterno presidente! No grupo, todos contribuem com os processos de composição dos personagens e trabalham conjuntamente a encenação e, principalmente no último espetáculo montado (Gato negro), aparecem as matrizes artísticas da dança de salão.



A Cia Nu Escuro se caracteriza, portanto, por um exercício contínuo de se permitir atravessar por ideias, opiniões, sem que, no entanto, o grupo perca sua identidade individual, teatral e local. Os trabalhos coletivos são articulados a partir das pesquisas individuais de cada integrante do grupo. Há integrantes identificados com a dramaturgia, com formas animadas, com o fenômeno da dança, com o aprofundamento da performance musical e com o conhecimento do uso das novas tecnologias no teatro. Há também aqueles que são formadores de atrizes e atores e que se dedicam pensar detidamente o trabalho da atuação. Ou seja, há um encontro entre particularidades na fusão e na refusão coletiva em busca desta orgia, aqui entendida como prazer compartilhado, como diz Maffesoli.

A busca do prazer naquilo que se faz demonstra na pele e na carne que é possível o teatro de grupo, horizontal, poroso e gregário, que são possíveis novas formas de relação e de curiosidade coletiva, de contínua experiência e intervenção social. Caminhos abertos pelas muitas lanternas de fogo da Cia de Teatro Nu Escuro.



Pedro Plaza

*Pesquisador de cinema, professor do curso de História-memória e imagem e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Fundador da Cia de Teatro Nu Escuro (Goiânia-GO), atuou como voluntário na Cinemateca Brasileira (2005-2006). Publicou artigos científicos sobre cinema brasileiro em revistas nacionais e internacionais como *Contra-campo (UFF)*, *Significação (USP)*, *Antíteses (UEL)* e *Intexto (UFRGS)*.*



Izabela Nascente

Nascida em Goiânia é formada em Artes Cênicas e mestra em Performances Culturais, ambas pela UFG. Encenadora, atriz e bonequeira. Em 1998 integra-se a Cia de Teatro Nu Escuro e onde trabalha nas produções como atriz, diretora artística, construtora de bonecos, figurinista, e por vezes, porteira e office-girl. Fez direção artística de espetáculos de circo, música, teatro e cinema, em espetáculos, shows, gravação de DVDs, filmes e minisséries. A pesquisa central de seu trabalho são as formas animadas.

Plural



Release

“Plural” é a trama de uma menina que, como tantas outras, tem o nome de Maria. Suas primeiras recordações remetem aos seus sete anos, onde se distraía brincando com uma boneca de milho no terreiro de sua casa enquanto sua avó cozinhava no fogão a lenha e lhe falava pela janela. A narrativa segue de memória em memória, do universo rural ao urbano, histórias vividas e sentidas, com seus encantos, medos, violências, coragens e humores. Estas lembranças partem de relatos de familiares dos próprios atores e atrizes do elenco gerando um diálogo entre o factual e a ficção.

“Plural” comemora os 16 anos de trajetória da Cia de Teatro Nu Escuro. Aprofunda seu estudo em técnicas



de construção e manipulação de formas animadas e linguagem videográfica, para falar de uma parcela de mulheres que migraram, principalmente de Minas para Goiás e que vieram; ou com a promessa de melhoria de vida, ou pela conquista de um pedaço de chão para plantar e para colher.

Um trabalho focado nos relatos sobre mulheres rurais que têm suas identidades forjadas em seu sangue o negro, o índio e o branco. Mulheres que pariram dezenas de filhos que hoje são sujeitos de constituição das cidades. Para esta montagem observamos as construções de relações de gênero, vivências, tradições, modos de existência precários, ilusão, esperança e oralidade.

Nu Escuro: uma Cia, meus amigos

Adriana Cruz

Conheci a Cia Nu Escuro em Belém em abril de 2015, quando assisti pela primeira vez ao espetáculo Plural.

Foi um encontro relevante para minha trajetória como artista-pesquisadora pois, ao longo destes aproximados cinco anos, este foi um dos coletivos que germinou a concepção de encontro como potência de pesquisa em artes.

Nesses e outros encontros, as trocas de ideias sobre processos inventivos estabeleceram uma parceria forjada no afeto em meu trabalho de doutoramento, encerrado em dezembro de 2019. Fui em busca de convivências e me reinventar como artista ao aprender com outros.

Ao dedicar um olhar especial à Nu Escuro, compreendi uma composição de grupo tramada por sujeitos atraídos pela cena teatral, como insetos em volta da lâmpada (como cantou Cazusa). Uma

de suas características marcantes é a capacidade de agregar pensamentos à ação criativa ao desenvolver um diálogo entre linguagens e possibilidades cênicas.

Ao reinventar-se constantemente a cada processo criativo, a Cia produz arte e resiste, na contramão dos rumos da arte no país.

O Plural que me atravessa...

Cheguei a Goiânia em busca de conexões com experiências do grupo que me emocionou com o Plural: espetáculo com cenas tridimensionais e bidimensionais, projeções de vídeo, sombras, experimentações de artistas que pesquisam a cena híbrida em dimensões significantes com bonecos.



Em Plural, senti-me atravessada pela presença dos atores Adriana Brito, Abilio Carrascal e Eliana Santos ao operarem conexões e fusões com os bonecos à luz da cena regida pela encenadora Izabela

Nascente.

Fazem emergir, de delicadas ações, as histórias de Maria, personagem protagonista no espetáculo.

Vi, no olhar dos espectadores, encantamentos similares aos meus, provocados pelo que transborda da relação poética ator e boneco.

Fui a Goiânia para estar com estes artistas, apostando na convivência como modo de conhecer, multiplicar experiências e, posso dizer, fui feliz nessa busca. Nos momentos em que estive com o grupo, fui a Piracanjuba (GO) para acompanhar apresentação do espetáculo; acompanhei apresentações no Oficina Cultural Geppetto; tomamos sorvetes do cerrado; comemos pamonhas; vivenciei experiências importantes, repletas de afetos e renovações de mim como artista pesquisadora.

Houve também o exercício de atividades conjuntas, como a produção de teatro de caixas conduzidos pelo Anibal Pacha, do In Bust Teatro com Bonecos, meu grupo, e com o qual participamos do Festival de Bonecos organizado pela Cia Nu Escuro, assim como da Galhofada – evento de composição coletiva importante para o exercício do acesso à arte e suas

potencialidades. Para mim, foram dias intensos para reinvenções de pensamentos sobre o teatro com bonecos e suas multiplicidades.



Adriana Cruz

Adriana Cruz é uma artista da cena, integrante do grupo In Bust Teatro com Bonecos, fundado em 1996 (Belém-PA). Desenvolve pesquisas artísticas na produção de espetáculos (como atriz, encenadora e dramaturga) com mestrado (concluído em 2014 pela UFPA) e doutorado (concluído em 2019 pela UFMG). Adriana é professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

A pluralidade de Maria

Izabela Nascente

O espetáculo “Plural” conta a história de Maria a partir da idade de sete anos, quando vivia na roça com a mãe, os irmãos e a avó, até sua ida para cidade onde ela almejava estudar e tratar dos dentes. De forma geral, o espetáculo trata da migração de



peças que moravam no campo para a cidade, e todas as violências a que foram submetidas até se adaptarem à nova vida. O intuito foi retratar as histórias das mulheres que participaram deste processo,

salientando a importância na construção da capital do estado de Goiás e de outras cidades do Brasil e também denunciar, de forma poética e reflexiva, o silenciamento destas histórias.

A construção do texto foi sugerida por Hélio Fróes, que enxergou na minha pesquisa sobre identidade, ocorrida no espetáculo anterior da Cia chamado “Preciso olhar”, um potencial dramático. Nela, eu relatava as histórias das mulheres da minha família,

principalmente de minha mãe, ou seja, o começo da construção dramatúrgica foi marcada por um caráter familiar e autobiográfico.

Logo no início dos ensaios, este primeiro texto assumiu outra categoria; a de pretexto, abrindo assim para outros diálogos e outros devaneios. Foi quando saímos em busca de depoimentos, essencialmente de mulheres que tiveram este mesmo trânsito migratório da minha mãe, estendendo rapidamente às outras mães dos integrantes do grupo. Para nossa surpresa, percebemos que os relatos das nossas mães conseguiam abarcar a maioria dos dramas pelos quais estas mulheres passaram. Era representativo e, no fluxo da criação, descobrimos que era um ótimo momento para homenageá-las afinal, tratava-se de mulheres que foram de suma importância na formação do nosso grupo.

Esteticamente, optamos pelo o uso de texturas artesanais, daquilo que é construído ponto a ponto, resultando em uma coisa maior, dos fios e das lãs, tecidas pelo tricô e pelo crochê construídos pelas mãos de Rô Cerqueira, minha grande parceira neste trabalho. Com estas texturas construímos a pele

e as roupas destas personagens. Com fios de lã e algodão seus cabelos, seus pelos e cobrimos assim, as estruturas articuladas.

No cenário buscamos uma materialização da memória deposta, das casas de teto de palha, das hortas, dos eletrodomésticos e dos ambientes das cidades das décadas de 50 e 60. Já o figurino surgiu como um elemento de memória visual, um porta-retratos, que carrega os momentos congelados de uma foto. Naquilo que é roda, pequenas imagens destas mulheres adornam as barras das saias e das calças.

Tudo que foi construído para as cenas, foi resultado do trabalho feito por várias mãos, bem artesanal. Este aspecto extrapola o material de cena, chegando até à interpretação dos atores manipuladores, à criação dos vídeos, à trilha sonora e à iluminação. Todas as cenas foram criadas num trabalho coletivo entre atores, diretora, iluminador, cinéfilos, vídeo jocker, oficineiros, músicos, professores, bonequeiros e um monte de agregados que colaboravam com o processo principalmente nos ensaios gerais, onde fomos descobrindo que o nosso enredo poderia agradar.

Feito tudo, estreamos com grande entusiasmo, com a certeza que colocamos à vista do público uma história verdadeira, que nos traz um sentido de identidade e que representa a vida de tantas pessoas.

É uma história que é a nossa e que é a delas. Dos relatos do público, pós apresentações, percebemos que o espetáculo conseguia e ainda consegue colocar as memórias em movimento - um dos poderes da arte.



Izabela Nascente

Nascida em Goiânia é formada em Artes Cênicas e mestra em Performances Culturais, ambas pela UFG. Encenadora, atriz e bonequeira. Em 1998 integra-se a Cia de Teatro Nu Escuro e onde trabalha nas produções como atriz, diretora artística, construtora de bonecos, figurinista, e por vezes, porteira e office-girl. Fez direção artística de espetáculos de circo, música, teatro e cinema, em espetáculos, shows, gravação de DVDs, filmes e minisséries. A pesquisa central de seu trabalho são as formas animadas.

Ficha técnica

Dramaturgia – *Hélio Fróes, Abilio Carrascal e Izabela Nascente.*

Direção Geral – *Izabela Nascente*

Atores manipuladores – *Abilio Carrascal, Adriana Brito, Eliana Santos.*

Atriz stand by – *Izabela Nascente*

Assistente de direção de arte – *Rô Cerqueira*

Assistente de direção de cena – *Lázaro Tuim*

Produção – *Bruno Garajau e Luana Oto by Balaio Produções*

Trilha sonora e Preparação Musical - *Abilio Carrascal*

Música Original: letra - *Hélio Fróes*, música – *Cristiane Perné*

Concepção de Bonecos, Cenário e Figurino – *Izabela Nascente*

Confecção de Bonecos - *Izabela Nascente, Marcos Lotufo, Marcos Marrom e Cia Nu Escuro*

Confecção de crochê para bonecos - *Rô Cerqueira*

Iluminação – *Rodrigo Assis*

Direção de vídeo – *Rô Cerqueira*

Edição de vídeo – *Rodrigo Assis*

Fotografia dos vídeos – *Layza Vasconcelos e Gabriel*

Lotufo

Projeção Mapeada – *Lina Lopes*

Fotografias do espetáculo – *Layza Vasconcelos*

Direção de Produção – *Lázaro Tuim*



Premiações

Projetos – Prêmios - Patrocínio

Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz – 2011

Prêmio Funarte Artes Cênicas da Rua – 2012

(projeto Circulando Plural)

Patrocínio de manutenção de grupo Petrobras –
2013-2016

Circulação Nacional Projeto palco Giratório Sesc –
2015

Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz – 2015
(projeto – Vinte anos Cia de Teatro Nu Escuro)

Fotos



Gato Negro



Release

Gato Negro narra uma história ocorrida em fazenda do interior de Goiás, no início do século XX. A trama



envolve três irmãs que esperam por Samuel Godói dos Santos, que prometeu voltar e se casar com quem seu coração sentisse mais falta. Na data marcada para o retorno, elas o aguardam com festa para o casamento, mas quem aparece é uma criatura fantástica, meio homem e meio bicho, instalando relações adversas, próprias das Humanidades.

A base da pesquisa para o Gato Negro remete ao hibridismo cultural da América Latina, onde o barroco assentou-se em definitivo e foi apropriado pelo filho de brancos europeus, de negros africanos e de indígenas nativos, originando o elemento real

maravilhoso. Também conhecido por realismo mágico, representa e significa, em essência, o inusitado, o assombroso, o inaudito, o exótico ou aquilo com que se estabelece uma relação radical de alteridade. É inspirado nesse contexto cultural e estético que Gato Negro foi concebido, trazendo à tona uma gama de emoções provocadas pela espera, tangenciando a frustração, o medo, a angústia, a ilusão, o desejo de mudança também. Os excessos que caracterizam essa linguagem serão sublinhados no espetáculo por um humor negro, mas sempre com um olhar crítico. É o grotesco tratado com seriedade.

Gato Negro

por *Nilton Rodrigues*

Conheci a Cia Nu Escuro na Cidade de Goiás, provavelmente em 1999, quando essa companhia encenou Seu Palácio conta Histórias, baseado em pesquisas sobre a História goiana. De imediato, impressionou-me o talento, o dinamismo, o compromisso estético, a criatividade e seriedade daqueles meninos.

Desde então, me interessa o trabalho da Nu Escuro. De lá para cá, muitas encenações. Embora não tenha assistido a todas, pude constatar o seu amadurecimento e a concretização de uma grande promessa. Sempre surpreendente, inovadora na forma, na temática e na linguagem, a Nu Escuro tornou-se uma referência do teatro feito em Goiás não somente no plano nacional, mas também internacionalmente.

Partindo de um forte elemento do imaginário goiano o lobisomem, ser fantástico, meio homem, meio animal, Gato negro, primeira experiência em dramaturgia do jovem Hélio Fróes, encantou-me

pela surpreendente riqueza do texto.

Assisti à estreia, há alguns anos, em praça pública e à última apresentação, em 2020, no Centro Cultural UFG. Em ambiente fechado, verificou-se a mesma desenvoltura dos atores, que interpretam, cantam, tocam instrumentos musicais e dançam. Agora, bem mais leves, livres do stress de uma estreia e do “estorvo” que eram duas caixas amplificadoras presas à cintura que, embora necessárias para a voz competir com os ruídos da rua, pareciam tolher-lhes o movimento.

Com estrutura dramático-narrativa, o texto é rico em elementos e referências a clássicos da arte universal, à mitologia, à Bíblia e à cultura popular. Retrata bem o processo de decadência vivido pelo estado que empresta nome à trilogia de que ele faz parte: Goyaz.

As típicas relações sociais goianas – o coronelismo, o mandonismo e o compadrio – refletem-se nos conflitos entre as personagens. Na base da trama, a cordialidade entre Samuel Godói dos Santos e o patrão não impede que este se aproprie à força do fruto do trabalho daquele, destrua sua moradia e o

expulse da terra. Vivaz, Samuel sai pelo mundo, mas promete voltar rico, sete anos mais tarde e escolher por esposa uma das três irmãs que vivem em uma fazenda decadente, herdada dos pais. Apenas a memória dos áureos tempos e a promessa de Godói, alentam a espera pelo regresso do “noivo”.

É clara a referência a Samuel Beckett – Esperando Godot – e a Anton Tchekhov – As três irmãs. Como no texto russo, o mundo em Gato Negro é decadente, habitado por pessoas que, embora já tivessem tido vida bela e nobre, não encontram mais razão para a existência. Embora a espera termine, o fim é frustrante, como no texto de Beckett.

A repetitiva referência ao número sete – segundo Pitágoras, um número da perfeição, do sagrado –, e a definição dos nomes das personagens, carregada de intencionalidade e significado, mereceriam um estudo mais aprofundado, impossível nestas poucas linhas. Como ilustração, vejamos sumariamente o nome da tão esperada personagem. Samuel, idêntico ao nome do autor de Esperando Godot, é também o mesmo do primeiro profeta depois de Moisés. Essa coincidência dá à promessa de retorno ares de profecia. O termo “Godói” dispensa, pela

similaridade, explicações acerca da associação a God (Deus?), ou a Godot, da peça de Beckett, personagem também esperada, mas que nunca vem. Por fim, a denominação de família – dos Santos – que poderia remeter à genealogia, à ascendência do indivíduo. Mas a escolha, a um só tempo, trai essa expectativa e denuncia a origem “pouco nobre” da personagem. Nomes como “da Silva” e “dos Santos”, originariamente, eram escolhidos pelos senhores sem qualquer referência a linhagem, para batizar índios, negros ou mestiços cristianizados. Assim, o quase deus, de quem dependeria a felicidade das irmãs, é um mestiço, um destituído de bens, um João-ninguém.



Nilton Rodrigues

Iniciou no teatro em 1972. Em 1973, participou da fundação do Teatro Exercício, onde atua até hoje, como ator e diretor. Milita na política cultural. Ajudou a fundar a Fenata, em 1975-1976, embrião da Confenata (Confederação Nacional de Teatro Amador) e da atual Feteg (Federação de Teatro de Goiás). A formação em Letras e o interesse pela literatura levaram-no mais para o campo da dramaturgia.

Uma dramaturgia para um Gato Negro

Hélio Fróes

Quando observei a figura do homem silvestre (um ser humano com muitos pelos no rosto que foi confundido como um elo perdido – 1622) senti um potencial dramático muito latente.

Essa imagem me provocou, assim como ele inquietou os estrangeiros europeus que o classificaram como um elo perdido, uma criatura entre o ser humano e o animal selvagem. A América, para o olhar estrangeiro do europeu do século XV, povoa seu imaginário com projeções idílicas e o real maravilhoso passa a ser o elemento articulador dessa identidade e de sua alteridade para com a civilização europeia.

A partir da pesquisa sobre o Real Maravilhoso americano, a Cia de Teatro Nu Escuro buscou teóricos que refletissem o conceito de identidade latino-americana: escritores, pintores, músicos que flertam com este universo e com iconografias que permeiam a imaginação da cultura popular

na América Latina, em especial, as imagens metafísicas de demônios, anjos e criaturas antropomórficas, como o lobisomem, neste primeiro momento.

Este estado de “fronteira”, de estar “entre” mundos, parecia um personagem místico, metafísico, um ser real maravilhoso latino-americano que estaria situado em um universo fantástico, como a Comala (Pedro Páramo, de Juan Rulfo) ou Macondo (Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez).



Para nosso espetáculo, queríamos o nosso Estado de Goiás, com suas características de sertão e formação coronelista, com uma polícia extremante violenta e com grande parte da sociedade com uma visão provinciana do próprio Estado, destacando São Paulo e Rio de Janeiro ainda como referências culturais do país. Esse é nosso cenário, onde o progresso cresce sob a égide violenta do coronelismo, onde personagens terão que lidar com essas tensões e onde o personagem título, Gato Negro, modifica a vida desses personagens, pois tudo flui.

Com isto em mente, fomos roteirizar a narrativa da peça, definindo o período histórico, o local, os personagens da trama. Aliás, esse foi um dos grandes prazeres de escrever essa peça, por falarmos algo que acreditamos e construímos personagens já sabendo quem iria interpretá-los. Nesse sentido, pudemos explorar as habilidades e características de cada ator, além de propor desafios a eles. E assim vários roteiros foram se desenvolvendo, já propondo as interações de linguagens que iríamos trabalhar, como dança de salão, os bonecos e a música executada ao vivo pelo elenco.

A Cia de Teatro Nu Escuro sempre privilegiou o trabalho do ator-encenador como eixo fundamental de todo o processo. As construções dramáticas e as concepções estéticas de cenário e figurino, adereços e bonecos são calcadas pelo trabalho desenvolvido pelos atores durante os ensaios, assim como os arranjos musicais são criados a partir das habilidades específicas, das limitações e sugestões de cada ator; estimulando toda a equipe de montagem com diferentes visões sobre a mesma proposta, sempre com o intuito de buscar um resultado ímpar e uma estética própria.

Hélio Fróes

Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO, foi professor de artes cênicas da UFG e hoje é professor de teatro do Instituto em Artes Basileu França. Diretor e roteirista de duas séries infantis para TV: Vila Mariote e Onde Se Esconde No Mundo Conde? Um dos fundadores da Cia de Teatro Nu Escuro, em 1996, dirigindo as peças O Cabra Que Matou as Cabras, O Alienista, Gato Negro e Pitoresca.



Gato Negro

Ficha Técnica

Direção e Dramaturgia: *Hélio Fróes*

Elenco: *Abilio Carrascal, Adriana Brito, Eliana Santos, Izabela Nascente e Lázaro Tuim*

Direção Musical: *Abilio Carrascal e Cristiane Perné*

Músicas originais: *Cristiané Perné, Hélio Fróes e Abilio Carrascal*

Coreografias: *Lázaro Tuim, Luciana Caetano e Juliano Andrade*

Figurinos: *Rô Cerqueira*

Confecção dos figurinos: *Elmira Inácio e Divina Isabel*

Cenografia: *Wagner Gonçalves*

Máscara: *Marcos Lotufo*

Fotografia: *Layza Vasconcelos*

Documentação em vídeo: *Sérgio Valério e Andreia Miklos (Fora da Lei)*

Programação Visual – *Marcos Lotufo*

Produção: *Marci Dorneles*

Direção de Produção: *Lázaro Tuim*

Captação de Recursos: *Marcelo Carneiro*

Oficina de preparação:

Percussão: *Sérgio Pato*

Canto: *Rita Alves*

Dança de Salão: *Juliano Andrade*

Interpretação: *Renato Livera*

Investigação corporal: *Luciana Caetano*

Animalidade: *Rodrigo Cunha*



Premiações

Prêmios / Projetos / Patrocínio

Prêmio ProCultura de Estímulo ao Circo, Dança e Teatro - 2010

Prêmio Funarte de Artes na Rua - 2011

Lei Goyazes - Lei Estadual de Incentivo a Cultura
Governo do Estado de Goiás - 2012

Prêmio Funarte Artes Cênicas da Rua - 2013
(projeto Mitos e Monstros)

Patrocínio de manutenção de grupo Petrobras -
2013-2016

Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz - 2015
(projeto - Vinte anos Cia de Teatro Nu Escuro)

Fotos





Pitoresca



Release

Uma índia velha e grávida observa a história do Brasil por mais de 400 anos. Ela presencia a formação das identidades brasileiras que foram construídas a partir dos olhares estrangeiros. Relatos de cientistas e artistas europeus, autobiografia de um africano escravizado, livros de viagens de piratas aventureiros que passaram pelo Brasil forjam um caleidoscópio quase psicodélico de olhares no alvorecer da globalização que escancaram as contradições do nosso mundo moderno.



Texto criado a partir dos relatos e diários dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no período do século XV ao XIX e dos “Relatórios de Província” que o Governo de Goiás encaminhava ao Imperador do Brasil no Rio de Janeiro no século XIX.

... uma velha índia

Daniel Arcades

Março de 2015.

Uma van rumo à Ceilândia no Distrito Federal conduz três grupos de teatro de diferentes regiões do país para compor a programação de abertura de um dos projetos mais importantes de difusão das artes cênicas no Brasil.

Bahia, Goiás e Rio Grande do Sul, três regiões distintas, três trabalhos com projetos estéticos completamente diferentes, os mesmos anseios e desejos.

Lá estava o Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas – NATA, a Cia. Nu Escuro e o Grupo de Pernas pro Ar, se apresentando, conversando e criando um elo que se desdobraria em diversas outras atividades e encontros pelos anos seguintes. Hoje, podemos dizer que essas composições e interações devem ser o primeiro pilar para o fortalecimento da arte nacional e do entendimento de sua diversidade e unidade.

A Nu escuro, com seus projetos, revisitam a identidade do nosso país e constroem narrativas necessárias para todos verem. Por isso, mesmo com trabalhos estéticos tão diferentes nos identificamos de cara o que se afirma na cena.

Cores psicodélicas, araras azuis e plástico.

Pitoresca já perturbava a minha mente antes



mesmo de assistir ao espetáculo, o que a foto da velha índia com seus traços tão realistas esculpido na espuma tinha a ver com sujeitos de capa de chuva amarela e óculos gigantes? Como se diz na Bahia: que viagem... E realmente, estávamos

diante de uma viagem de relatos, de leituras sobre estes relatos e de caminhos e propósitos para pensar um território nacional (provavelmente não se chamaria Brasil) sem o processo de invasão das expedições ibéricas.

A explosão destes relatos fragmentadas em uma dramaturgia que se preocupa com o ritmo do trabalho, a costura da velha índia que observa por mais de 400 anos a paisagem brasileira, junto

à exposição dos atores que sem/com figurinos que aparentavam seres que estavam “malhando” para contar essa história com certeza faz com que tenhamos uma peça mergulhada no pensamento contemporâneo.

Uma grande lembrança são os longos minutos da Cia cantando os famosos versos de Oswald de Andrade: “Quando o português chegou debaixo de uma bruta chuva vestiu o índio / que pena / fosse uma manhã o índio teria despido o português”, mas acredito que Pitoresca ultrapassa o pensamento moderno de construção da identidade brasileira. Sabemos hoje que não bastava uma manhã de sol para que o português fosse despido, sabemos também da falsa tentativa calcada em figuras como Gilberto Freyre de construir uma cordialidade na miscigenação brasileira. Em Pitoresca, as nativas prevalecem e permanecem grávidas, o relato da diáspora africana não aparece com a beleza da “mistura brasileira” e sim, assume-se a covardia que é o processo de colonização. Não houve troca. Houve guerra. A peça não nega nenhuma das nossas identidades base: nem a branca, nem a negra e nem a índia; mas, ela também não perdoa nenhum de nossos atos criminosos.



Daniel Arcades

é ator, escritor e diretor. Integrante do NATA – Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas, tem feito parte de diversos projetos importantes no teatro e audiovisual baiano. Atualmente, se dedica a NAU, espetáculo em parceria com Thiago Romero que revisita a história do país por outras vozes.

Iconógrafos Pitorescos

Hélio Fróes

Pitoresca é um espetáculo que foi gerado por nove anos. Começou com a vontade de falar sobre os viajantes naturalistas que passaram pelo Brasil no século XIX. Uma ideia abstrata que não sabíamos como tratar em cena. E foi no ano de 2009, com o auxílio do Programa de Bolsas de Estímulo à Criação Artística, na categoria de Dramaturgia, da Funarte que surgiu a primeira versão do texto: O ICONÓGRAFO. O que nos deu fôlego para pleitear e ganhar o edital de Manutenção de Grupos (2013-2016), da Petrobras.

Foi um processo difícil, onde eu escrevi o texto, porém não queria dirigir. Por diversos motivos e com o nosso cronograma ficando cada vez mais apertado assumi a função também de diretor, o que foi muito exaustivo, mesmo já tendo o texto do O ICONÓGRAFO como base, as mudanças durante o processo fez com que o texto se transformasse em uma outra obra, praticamente nova, no texto PITORESCA.

Nesta nova versão do texto, uma índia velha e grávida observa a história do Brasil por mais de 400 anos. Ela presencia a formação das identidades brasileiras que foram construídas a partir dos olhares estrangeiros. Relatos de cientistas e artistas europeus, autobiografia de um africano escravizado, histórias de piratas aventureiros forjam um caleidoscópio quase psicodélico de olhares no alvorecer da globalização que escancaram as contradições do nosso mundo moderno.

Texto criado a partir dos relatos e diários dos viajantes estrangeiros no período do século XV ao XIX, como Pero Vaz de Caminha, Auguste Saint-Hilaire, Langsdorff, John Emmanuel Pohl, Cuthbert Pudsey, Gentil de la Barbinais, Gardo Baquaqua, Anthony Knivet, Gobineau, Louis Agassaiz, Francis Castelnau, Hans Staden, Maria Graham, das iconografias e relatos de artistas, como Rugendas, Taunay, Florence, Debret, Frans Post, Albert Eckhout e dos “Relatórios de Província” do Governo de Goiás no século XIX.

Ao estudar esta visada de cunho cientificista, tentamos compreender a fusão contraditória

que dá origem ao nosso mundo moderno: uma construção da alteridade a partir do impulso classificatório iluminista, tendo como alicerce, todavia, a visão de mundo de origem romântica. O conflito entre evocação histórica e ornamento pictórico propicia construir uma dramaturgia de personagens fortes e imagens significativas, de grande impacto estético, dialogando diretamente com a história, com respaldo para se sobrepôr aos anseios de nosso tempo, igualmente contraditório entre a sensibilidade no olhar e a apreensão científica.

Como tínhamos um patrocínio, pudemos contar com suporte de oficinas de grandes artistas com quem já queríamos trabalhar, como Júlio Adrião, Duda Paiva e Adriano Bittar além de parceiros de longa data como Luciana Caetano, Fernanda Pimenta e Patrícia Mello, Junior de Oliveira, Cristiane Perné e Rui Bordalo no processo criativo. Vale destacar a forte influência do diretor de arte Benedito Ferreira, onde a estética influenciou muito a dramaturgia e a encenação, conseguindo trazer um frescor para as montagens da Cia Nu Escuro.



Hélio Fróes

Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO, foi professor de artes cênicas da UFG e hoje é professor de teatro do Instituto em Artes Basileu França. Diretor e roteirista de duas séries infantis para TV: Vila Mariote e Onde Se Esconde No Mundo Conde? Um dos fundadores da Cia de Teatro Nu Escuro, em 1996, dirigindo as peças O Cabra Que Matou as Cabras, O Alienista, Gato Negro e Pitoresca.

Ficha Técnica

Elenco: *Adriana Brito*
Eliana Santos
Izabela Nascente
Lázaro Tuim
Liomar Veloso

Ator substituto: *Abilio Carrascal*.

Direção e dramaturgia: *Hélio Fróes*

Colaboração na dramaturgia: *Abilio Carrascal e*
Izabela Nascente.

Consultoria em encenação: *Julio Adrião*

Preparação Corporal: *Luciana Caetano*

Coreografia: *Luciana Caetano e Duda Paiva*

Workshop Viewpoints: *Fernanda Pimenta*

Direção de Arte e cenografia: *Benedito Ferreira*

Assistente de Arte: *Wilma Moraes*

Figurino: *Rita Alves*

Adereços e cenotecnia: *Wagner Gonzalves*

Iluminação: *Junior de Oliveira*

Bonecos: *Izabela Nascente, Guilherme Oliveira e*
Marcos Marrom

Máscaras: *Marcos Lotufo*

Orientação em manipulação de bonecos: *Duda Paiva*
e Adriano Bittar

Músicas: *Cristiane Perné, Hélio Fróes, Izabela Nascente e Rui Bordalo*

Arranjos percussivos: *Abilio Carrascal*

Narração off: *Rui Bordalo*

Direção de Vídeo: *Benedito Ferreira*

Produção e edição de Vídeo: *Maurélio Toscano (Semáforo Audiovisual)*

Projeção Mapeada: *Lina Lopes*

Desing Gráfico: *Marcos Lotufo (Oficina Cultural Geppetto)*

Assessoria de Imprensa: *Nádia Junqueira*

Preparação Vocal: *Patrícia Mello*

Fotografias: *Layza Vasconcelos (Oficina de Photos)*

Documentação em Vídeo: *Andreia Miklos e Sérgio Valério (Fora da Lei)*

Produção: *Luana Otto e Bruno Garajau (Balaio Produções)*

Assistentes de Produção: *Valmir Filho, Danilo Viera Fernandes e Larissa Bueno.*

Coordenador técnico do Projeto: *Marcelo Carneiro (Arte Brasil)*

Coordenação do Projeto: *Lázaro Tuim e Hélio Fróes*

Direção de Produção: *Lázaro Tuim*

Agradecimentos

Kraós, Pedro Plaza, Renato Livera, Marcelle Oliveria, Hugo Vieira, Marta Aragão, Uttara Arpana, Marcos Fayad, Albertina Vicentine, Paulo Petronilio, Renata Lima, Rodrigo Kaverna, Edilson Moraes, André Gardel, Kil Abreu, Chico Pelúcio, Rosa Berardo, André Gardel, Mauricio Borges, Natássia Garcia, Grupo Merken, Milena Jezenka, Rô Cerqueira, Fernanda Pimenta, Julio Adrião, Duda Paiva, Adriano Bittar, Allyson Garcia, Samuel de Jesus, Marci Donelas, Sergio Pato, Wellington Dias, Fernanda Fernandes, Marcos Pantaleão, Marcio Corte Real, Programa em Performances Culturais, Centro Cultural da UFG, Sesc Go, Aldeia Diabo Velho e Oficina Cultural Geppetto.



Premiações

Prêmio / Projetos /Patrocínio

Patrocínio de manutenção de grupo Petrobras –
2013-2016

Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz – 2015
(projeto – Vinte anos Cia de Teatro Nu Escuro)

Fotos



Dramaturgia Goyaz

Plural



Plural

PLURAL é a trama tecida pelas histórias de uma menina chamada Maria. Suas primeiras recordações remetem aos seus sete anos e a narrativa segue costurando memória em memória, fiando do universo rural ao urbano, bordando histórias vividas e sentidas, com seus encantos, medos, violências, coragens, lamentos e alegrias. Uma trama sempre tencionada entre o drama e a poesia, o trágico e o humor.

A Cia de Teatro Nu Escuro abre um baú de recordações a partir de relatos de seus familiares, criando um diálogo entre o factual e a ficção, para falar de uma parcela de mulheres que migraram do ambiente rural para a cidade. A dramaturgia foi concebida através de relatos e lembranças de mulheres que vivenciaram estas questões: Dona Lia, Dona Joaquina e Dona Vanilda, mães, respectivamente, de Izabela Nascente, Abilio Carrascal e Lázaro Tuim.

Para o espetáculo foram confeccionados bonecos forrados de tricô e de crochê, assim como os figurinos e cenários, com a intenção de retratar

poeticamente o ambiente rural. A linguagem do vídeo aparece como um contraponto ao universo popular, as projeções de imagens (videomapping) sobrepostas ao cenário, aos bonecos e aos atores/manipuladores, criam texturas e efeitos que dialogam com a cena. Atores e atrizes que também cantam, dançam e tocam cantigas populares junto com os bonecos, como em uma brincadeira em que as linguagens cênicas do teatro de animação, músicas ao vivo e projeções de vídeos se cruzam como em um caleidoscópio infantil.

Ficha Técnica Original

Direção Geral – *Izabela Nascente*

Assistente de direção – *Lázaro Tuim*

Pesquisa visual – *Rô Cerqueira*

Dramaturgia – *Hélio Fróes, Abilio Carrascal e Izabela Nascente.*

Atores/ Manipuladores – *Abilio Carrascal, Adriana Brito e Eliana Santos.*

Trilha sonora e preparação musical - *Abilio Carrascal*

Música original “Bananas em Chamas”: *Hélio Fróes e Cristiane Perné.*

Iluminação – *Rodrigo Assis*

Direção de vídeo – *Rô Cerqueira e Lázaro Tuim*

Produção de vídeo – *Rô Cerqueira, Rodrigo Assis, Lázaro Tuim, Layza Vasconcelos e Gabriel Lotufo*

Edição de vídeo – *Rodrigo Assis e Michael Valim*

Projeção Mapeada – *Lina Lopes*
Equipe técnica: *Rodrigo Assis, Hélio Fróes, Lázaro Tuim e Bruno Garajau*

Concepção de bonecos, figurinos e cenário – *Izabela Nascente*
Confecção de Bonecos - *Izabela Nascente, Marcos Lotufo, Marcos Marrom, Rô Cerqueira e Cia Nu Escuro*
Confecção de Cenário – *Marcos Lotufo e Lázaro Tuim, Izabela Nascente, Cláudio Livas, Mara Nunes e Cia Nu Escuro*

Identidade Visual – *Marcos Lotufo*
Fotografias do espetáculo – *Layza Vasconcelos*
Documentário – *Sérgio Valério e Andréia Mikos (Fora da Lei)*
Assessoria de Imprensa - *Larisa Mundim (zeroum comunicação)*
Direção de Produção – *Lázaro Tuim*
Produção – *Bruno Garajau e Luana Oto (Balaio Produções)*

Plural

Espectáculo de teatro de animação com bonecos de balcão e vídeo

Prólogo - Manzuá

(barulhos vindo da coxia, todos falando ao mesmo tempo. Um pergunta “mas que que você veio fazer aqui? Vim dançar o manzuá.” Dançam e cantam o manzuá. Entram em cena cantando e dançando.)

Adriana – Para, para, para... Onde é que você vai com essa dancinha sua sem graça aí? Oras! Não sabe nem chacoalha as cadeiras!

Eliana – Então está igual você que não sabe chacoalha esse mineiro aí.

Adriana – Então você é a boa? Faz melhor!

Eliana - Me dá esse negócio aqui então!

Adriana – Mas o que quê você veio fazer aqui?

Eliana – Vim dançar o manzuá!

(dançam o manzuá)

Abilio – Eiaaaa! Se é pra fazer esse negócio, vamos fazer direito! Eu não sou homem de fazer negócio malfeito não.

Adriana – Ára. Você já nasceu malfeito.

Abilio – Me respeita! Parece que não tem limite, oras.

Adriana – Ahhh. Quem tem limite é município!

Abilio – Vamos acabar com essa prosa logo sua trouxa.

Adriana – Como é que você falou aí? O que é que você disse?

Abilio – Eu disse: Me dá essa trouxa!

Adriana – Ahh, tá. E o que quê você veio fazer aqui?

Abilio – Vim dançar o manzuá, oras!

(dançam o manzuá)

Eliana – Para tudo para tudo...Vamos acabar com essa fronoga, seu filhote de cruz credo.

Abilio – Porque é que ao invés de acabar com a nossa festa, você num vai acabar com essa barriga?

Eliana – Hum... E você? Deve de está magrinho assim, por causa dos piolhos, né?

Abilio – Ou... faz favor de seguir o texto.

Eliana - Foi você que começou.

Abilio – Para de conversa fiada. Me dá isso aqui! O que quê você veio fazer aqui?

Eliana – Vim dançar o manzuá.

(dançam o manzuá)

Adriana - Para, para, para tudo.

Abilio - Ahh nem! O que quê foi dessa vez? O que quê você quer?

Adriana - Vai nascer!

(rebuliço geral. Maria nasce oriundo da trouxa do manzuá)

Cena 1 - A Promessa

Maria - Meu nome é Maria. Nasci de noite, quando meu povo todo estava indo pra uma festa, Nasci no meio do cerrado, em algum trieiro entre uma fazenda e outra. Minha mãe, num aguentou esperar eu chegar na festa, e eu nasci foi lá mesmo. Mas todo mundo ficou feliz com a minha chegada. Mesmo eu sendo menina-mulher! Minha mãe...

Abilio - Era muito vaidosa. Muito bonita sabe? E ela se cuidava muito e tinha muita gente que tinha inveja dela. Pegaram um gato preto, um sapo e jogaram um mau olhado nela.

Adriana - Aí quando eu nasci, eu já nasci com ferida na cabeça. E ela tinha nos pés, a coceira, sabe? E aí eu fiquei sem cabelo ate um ano de idade. Pra eu dormir, disse que era o trem mais triste. Diz que minha mãe me dava banho, e pensava

Eliana - (como mãe) - Ahhh. Esta noite não vou amarrar a mão da minha filha não, porque ela ta dormindo tão sossegada !!!

Adriana - Mas aí eu ficava lá dormindo. De repente

ela escutava meu choro, e quando ia ver, diz que eu estava lavada de sangue. Por que eu levava a mão e coçava, né?

Abilio - Aí minha vó mais minha mãe fizeram um voto para o Divino Pai Eterno.

Adriana - Se eu nascesse o cabelo e sarasse, que eu ia corta o cabelo quando fizesse sete anos.

Abilio - Por que tinha a lenda que criança até sete anos era inocente. E na verdade até que era mesmo.

Adriana - Até aí na verdade, eu não lembro de nada. Tudo me disseram e eu estou passando cuspido e escarrado do jeito que me falaram. O que eu posso dizer por mim mesma... é daí em diante, que foi quando eu me dei por gente, e fui crescendo junto com meu cabelo, hihhi... Junto com meus irmãos, o Antônio, a Divina, e o Martinho, que era o mais velho. Só faltou o meu pai, que mais tarde fui saber que também num aguentou esperar eu chegar não. Morreu, eu inda estava na barriga. (triste) É! (mudando de tom) E tinha minha vó também. A Dona Idalina. Ô mulher braba! . Pois é. Para uma pessoa que mal sabe ler e escrever, até que minha história dava pra um livro.

Cena 2 - O Jantar

(04 crianças: Martinho, Antônio, Divina e Maria, a menor e 02 adultos: Avó e mãe) Casa de pau a pique com telhado de palha. O fogo no fogão a lenha clareia o am-

biente. Mãe e avó distribuem um frango com molho de açafraão: Peito e coxa para avó, coxa para o irmão mais velho, sobreco para o irmão do meio, asas para Divina, e pescoço para Maria. Meninos resmungando, Maria emburrada

(barulho de rádio e gente mastigando)

Idalina (batendo no rádio): Disgrama disgreta diacho, de rádio...

(barulho de rádio fora de sintonia, a velha continua batendo no rádio)

Maria – Eu só fico com o pescoço.

Idalina – (falando com a boca cheia) - Seus irmãos precisam de mais carne que vocês, tá bom demais o pescoço. Ainda mais para uma menina preguiçosa que nem você, Maria. Não me ajuda em nada, tem muita coisa pra varre, tem lavagem pra dá pra os porcos, tem as vazia para ariar, e menina-mulher é menina-mulher! Come assim mesmo, come é isso mesmo.

Martinho - (comendo o frango) Vai mais reclamar.

Antônio - (comendo o sobreco) Não presta pra nada esse troço.

Divina - Ô mana, pense que o pescoço é a melhor carne do mundo, você já viu que ninguém consegue comer toda carne de um pescoço, sempre, num cantinho tem um pedacinho (as duas sorriem e brincam com os ossos).

Idalina – Ó! Vamos Pará com esse “conversê” aí na

hora da comida. Senão eu conto aquela história pra vocês.

Mazila - Do príncipe? Eu arrepio tudo só de lembrar! A mãe conta...

(Gravação – Teatro de Sombras)

Um fazendeiro queria ficar rico ai deu a alma do seu melhor boi e do filho que estava na barriga da mulher dele, o menino nasceu esquisito, louco, babava, quebrava tudo. Eles davam comida no chão por que ele se cortava todo com as latas. Quando ele estava bem o boi estava louco e o dia que o boi estava ruim, ninguém saia por que o boi investia,

Idalina (iluminada por uma lamparina) – E você já viu boi gritar? Mais este gritava, dava um grito que era assim (dá um grito, as crianças gritam assustadas e FLUTUA).

Antônio - Quero ver a Maria dormir, hehehe. Já vou avisando. Não vem dormir comigo não. Senão apanha.

Maria – A gente mesmo é que ia fazer a nossa casa, a casa era de pau a pique. A cama era forquilha, que você enfiava quatro no chão, ia pondo pauzinho juntinho aqui. E colchão, você rasgava a palha do milho, pra encher aqueles sacos de linhagem que minha mãe juntava quatro e fazia aquele colchão largo, maciinho, maciinho!

(As crianças deitam e dormem. Silêncio! Algum barulho “aterrorizante” aparece (um lobo, uma

coruja). Antônio apavorado levanta da sua cama e corre para cama do irmão Martinho

Antônio – Martin... Martin... Ou Martin.

Martinho – Que quê é, trem!

Antônio – Deixa eu dormir com você? Estou com medo!

Martinho – Aiaia!. De novo, trem? Anda logo então!
(tempo) Mas fica quieto, disgrama!

(O fogo do fogão a lenha apaga.)

Cena 3 - Cabra-Cega

Maria está com o olho tampado, ela corre de um lado para o outro tentando pegar alguém, todos riem muito, aparece Mazília, Maria alcança a mãe e apalpa tentando identificar quem é. No momento que ela passa a mão no rosto da mãe ela sorri, tira a venda e se abraçam carinhosamente.

Cena 4 - Bananas

Maria varre o terreiro, surge a Vó com os irmãos e a irmã.

Idalina - Maria, vamos roçar ali adiante, termina isto aí e vai pegar os ovos das galinhas. Tá vendo aquelas bananas? Não quero que você chegue perto delas. Vamos embora seus troço! Vamos roçar!

(Maria deixa a vassoura e vai para junto das bananas, teme e tem acessos de vontade de comer uma banana. Cena cômica das bananas tentando seduzir a menina, até que ela não resiste e come.)

Idalina - Vim buscar meu... Que converse é esse? Que cara é essa Mazilia? Disgrama, disgregeta, diacho Maria o que foi que você fez? As bananas? Você comeu as bananas? Tá com fome é desgraça? Você quer banana, sua macaca? Então agora vai comer tudo!

(Idalina faz a menina comer um cacho de banana ourinho, a menina passa mal, tem delírios.)

Mazilia - Mãe, a Maria está muito mal, faz a reza para ela, já passaram quatro dias a menina está magra que nem um capim...

Idalina (benzendo) - Carne triada, nervo retorcido, constipação. Tudo isto eu cozo, com a graça de são Sebastião.

(A menina melhora a cada minuto.)

Maria (adulta) – E não paro de lembrar a minha infância, sabe? Do tanto que eu gostava da minha mãe... Da falta que sentia de ter um pai... Não tinha pai, mas tinha uma avó. Todo mundo tem ou teve uma avó que fazia todos os caprichos pra neta, né? Pois é... (mal humorada) Eu não tive, não.

Cena 5 - As Fiandeiras

(As mulheres da família preparam o fio de algodão. A avó na roda de fiar, a mãe desencarçando o algodão, Divina batendo o algodão e Maria preparando separando as folhas do algodão.)

Canto das Fiandeiras

*A roda que eu fio nela Ô Baiana, ô ia, iá
 É só eu que ponho a mão, Ô Baiana, ô ia, ia
 Ou então minha cunhada Ô Baiana, ô ia, ia
 Que é muié do meu irmão Ô Baiana, ô ia, ia
 As panelas lá de dentro Ô Baiana, ô ia, ia
 Ta frevendo numa lida Ô Baiana, ô ia, ia
 Uma de boca pra baixo Ô Baiana, ô ia, ia
 Outra de fundo pra riba Ô Baiana, ô ia, ia
 Minha boca ta com fome Ô Baiana, ô ia, ia
 Minha barriga quer comê Ô Baiana, ô ia, ia
 Cala a boca minha barriga Ô Baiana, ô ia, ia
 Deixa as panela frevê Ô Baiana, ô ia, ia
 Senhora dona da casa Ô Baiana, ô ia, ia
 Põe a cabeça na porta Ô Baiana, ô ia, ia
 Que eu quero lhe preguntá Ô Baiana, ô ia, ia
 Quantas galinha tem morta Ô Baiana, ô ia, ia
 Senhora dona da casa Ô Baiana, ô ia, ia
 Por que ta tão triste assim Ô Baiana, ô ia, ia
 Se é por causa de seu bem Ô Baiana, ô ia, ia
 Pros seus braço ele há de vir Ô Baiana, ô ia, ia
 A roda que eu fio nela Ô Baiana, ô ia, ia
 Sabe lê, sabe escrever Ô Baiana, ô ia, ia
 Também sabe me contar Ô Baiana, ô ia, ia
 Quanto custa um bem querer Ô Baiana, ô ia, ia*

Cena 6 - Quero estudar e A Vó vai morrer

Maria – Vó, me dá um biscoito?

Idalina – Ará, não é hora, tem que deixar seus irmãos chegar primeiro.

Maria – Vó, que dia que eu vou começar a estudar?

Idalina – Como é que é, Maria? (gritando) Ô Mazília. Você ouviu? (rindo)

Maria – Uai... Eu quero aprender a ler as letra, as revista. Quero também aprender a desenhar meu nome. (Idalina rindo) Tá rindo de quê?

Idalina (de súbito) – Me respeite, menina. E para com essas bobagens agora.

Maria – Eu quero ir pra escola, igual todo mundo.

Idalina (realmente brava) – Todo mundo quem, Maria? Sua vó foi pra escola? Sua mãe foi pra escola? Qual dos seus irmãos foi pra escola, Maria? De onde é que você tirou isso? Num cala a boca pra você ver não, troço!

(Maria chora. Sai vó. Entra Mazília)

Idalina – Ô Maria. Esse negócio de escola num é pra nós, não. Parece que são uns dez anos pra formar. Imagina? A roça, dez anos sem nós? Que matagal que vai virar? (as duas riem) Olha... Se eu arrumar um marido pra sua mãe, a vida melhorar, você vai pra cidade, e eles te põe na escola, tá?

Maria – Êba, vó.

(tempo)

Maria – Vó, me dá um biscoito?

Idalina – Ô Azucrinação! Já te falei, criatura. Tem que deixar seus irmãos chegar primeiro. E vamos pra roça comigo pegar abóbora.

(Maria e Idalina vão para a roça de abóboras, a avó sempre dá uns safanões e repreende Maria o tempo todo, elas entram na roça de abóbora e Idalina pisa em uma “rodilha” de cobra (cobra enrolada em si mesma).

Idalina (falando baixinho) - Maria vai lá em casa pegar a carabina, pisei numa cobra.

Maria corre assustada, no meio do caminho vai parando e começa a trotar, vai passando do estado de assustada para alegre.

Maria - A vó vai morrer, a vó vai morrer, a vó vai morrer..

(Chega à casa, come os biscoitos vagorosamente, pega a carabina e sai calmamente da casa quando de repente vem Idalina com a cobra na mão.)

Idalina: - Escomungada! Você queria que eu morresse não é sua desgraça... Maldita hora que sua mãe, pois essa desgrama no mundo, não presta para nada

(Bate na Maria com a cobra.)

Cena 7 – Festa

(Festa na roça, povo comendo, dançando, contando causos, pessoas misturadas com animais, crianças brincando de bater e roda.)

Idalina – E como o senhor tá, seu Geraldo?

Geraldo - Uai, Dona Idalina, tirando minha dor nas costas, um princípio de gota, e uma malvada duma úlcera que não me deixa mais dormi... Eu tô bem, sim Senhora.

Idalina – Ah, tá. (Pausa) Fiquei sabendo que o senhor vai pra cidade?

Geraldo - Cansei dessa vida na roça. Se não chove, você perde tudo. Se chove demais, você perde também. Meu irmão Amâncio disse que tem uma fartura de trabalho lá na cidade.

Idalina – Então o senhor deve de tá procurando uma mulher pra casar. Pra cuidar da casa, lava roupa, fazer comida...

Geraldo – Com todo respeito, Dona Idalina, a senhora tá velha e feia demais pra mim.

Idalina – Ô, homem besta, num tô falando de mim, não! O que o senhor acha da minha filha Mazilia?

Geraldo – Eu acho...

(Forró não deixa escutar)

Idalina – Eu num entendi...

Geraldo – Uai, eu disse que dona Mazilia...

(Forró não deixa escutar)

Idalina – Tô entendendo, Seu Geraldo.

Geraldo – Pois num é? A Mazilia...

(Forró não deixa escutar)

Geraldo - É. Num sei não. Mulher viúva com menino... Será que vai prestar? Até que eu quero casar com ela. Mas num quero saber desses meninos, não. Ou sou eu, ou esses meninos.

Idalina – Mas seu Geraldo, as crianças são as criaturas mais puras da terra! São as dádivas de Deus!

(Crianças aparecem brincando)

Idalina (gritando) – Sai daqui seus meninos encapetados!!! (com calma) Preocupa não. Logo vocês mudam, e deixa os mais velhos comigo, pra me ajudar. E depois os mais novos caçam o rumo deles.

Maria (narrando) - Nós ia pra uma festa de folia, um terço, uma festa de folia. E muita gente a pé. E aí, quando nos chegamos lá naquele lugar o povo tinha aquele radio de caixote que parecia abelha. Chiando lá. A pilha, fugindo as ondas assim, aí saiu a noticia que o Getúlio Vargas tinha morrido.

Anuncio da morte de Getúlio no rádio.

Maria (narrando) - A festa não prestou. Todo mundo chorou muito. A dona Maria paulista que morava perto de nós, chorou muito, e eu gostava muito dela. Minha

mãe, minha vó, todo mundo. Eu não entendia nada de política, nem sabia o que quê era presidente. Mas todo mundo chorou e eu chorei também! Eu nunca esqueci disso, que no dia que o Getúlio Vargas morreu, eu chorei. Chorei sem entender porquê. (explicativa) Depois me explicaram que foi suicídio. Mas eu também não sabia o que era isso!

Cena 08 – Nadando no Rio

Gravação:

Maria (adulta): Eu levei um susto tão grande, pensei que estava doente. Fiquei o dia inteirinho dentro do corgo. Eu achava que tinha alguma coisa errada comigo, eu não tinha coragem de ir na mãe e falar né? Eu fui na vizinha. Sempre os outros. Aí que ela foi falar, né. Vizinha: Não... cê tá ficando moça, tá virando moça. E isso é assim mesmo Vizinha: É... Agora é todo mês. Desse jeito... Maria: Ah nem...

(Maria brinca no rio no dia que fica menstruada pela primeira vez.)

Cena 9 - Migração forçada

Casa vazia, já só Idalina, Mazilia, e Maria. Idalina arruma casa e pede ajuda para Maria, Mazilia num canto, choramingando, Maria fica sem entender

Maria - Mainha, por que tá chorando? Os manos saíram, mas vai voltar. Daqui a pouco tão aqui, o que foi mãe?

Idalina - Deixe sua mãe menina, vai se arrumar.

Maria - Arrumar, pra quê?

Idalina - Faz o que estou falando, e passa uma banha nesse cabelo. Seu padrasto arrumou um emprego na cidade. Vamos todas pra lá também.

Sobem todos na caçamba do caminhão.

Maria (narrando) - Nossa Senhora. Eu nem acreditava. Era o dia mais feliz da minha vida. Eu ia conhecer a cidade, que todo mundo falava. Ia estudar, passear, tratar dos dentes. Lá as coisas são mais fáceis. Foi nós tudo em cima do caminhão. Eu, o Antônio, meu padrasto, minha mãe, e 20 mão de milho. Tudo junto, "balangando". Mas aí ficou triste, porque o seu Geraldo não quis levar, o Martinho e a Divina. Que só casava se ela deixasse os filhos pra trás. A minha mãe mentia pra gente, dizendo que eles tinham que ficar, pra cuidar da vó Idalina...

Cena 10 - Escola

Maria tenta se adaptar na escola. É a mais velha da sua turma.

Maria (adulta) - Quando a gente chegou na cidade, meu padrasto foi trabalhar de chapa né? E minha mãe colocou eu e meu irmão na escola. Eu fui toda animada, pois a coisa que eu mais queria era ir pra lá. Menina! Fomo pra escola. Agora você imagina, eu com quase quatorze anos, ficava lá junto com os menininhos alfabetizando. Que galhofa que foi na escola. Nós num ia pro recreio não, Ficava lá, encolhidinha... De tanta aporrinhção

que tinha, sabe? Ah! Pelo amor de Deus! Vontade de ir pra escola a gente tinha, vontade de aprender, mas aquela azucrinação, ninguém aguentava não.

Meninos: Girafa! Girafa! Girafa!

(Maria voltando pra casa, triste, com o pescoço crescendo)

Menino 01 - A Maria não sabe de nada.

Menino 02 - Burra, como ela é burra.

Maria (adulta) - Aí quando foi um dia na hora de entrar naquelas filas os meninos cornetando... Meu irmão quebrou uma garrafa lá, que num vinha refrigerante no plástico não, só nas garrafinhas de vidro, e começou a correr atrás de todo mundo. Se ele pega um daqueles lá, ele arrancava o bofe pra fora. Aí quando foi no outro dia, nós num foi mais pra escola, porque minha mãe falou:

Padrasto – Num falei que esse negócio de escola num é pra gente? Num vai voltar não, porque vocês brigaram lá, o povo vai juntar de turma e bater em vocês.

Maria (adulta) - Pois é, foi os únicos dois meses que eu frequentei escola.

Cena 11 - A Madrinha

Atores arrumando cenário, enquanto revezam a mani-

pulação da Maria, que está sempre fazendo afazeres domésticos. Todos fazem a Maria, cada um, uma parte do texto, conforme está dividido.

Maria - Ai, essa mágoa eu tinha do meu padrasto, né, muito grande. Num podia namorar, num podia isso, num podia aquilo. Mas qualquer um podia levar pra trabalhar, qualquer um podia me levar, né?

Maria – Pra você ver. Depois disso tudo, meu padrasto não aguentou trabalhar de chapa, meu irmão estava virando de gangue, aí, minha mãe resolveu voltar pra roça com todo mundo. Aí, eu tinha uma madrinha, que já morava na cidade, descobriu que a gente ia voltar, e falou pra minha mãe.

Madrinha - Pode deixar, Mazilia. Deixa a Maria aqui comigo. Ela mora comigo. Eu vou cuidar muito bem dela. Vou colocar num outro colégio e cuidar dos dentes dela. E ela me ajuda um pouquinho aqui em casa.

Maria - E meus pais me deram, né? E eu pensei: Graças a Deus, que madrinha boa que eu tenho.

Maria - Demorou a aparecer na minha vida, mas apareceu. (tempo) Minha madrinha não me levou um dia na escola, não arrumou um dente meu. E como eu dormia pouco. Por quê? Porque eu tinha que ajudar ela a trabalhar.

Maria - Ela fazia uns bolos, uns bolos bonitos... E aí eu fazia todo o serviço de casa, e tinha que ajudar

ela. Chegava a hora da comida, ela rapava o resto da comida dos meninos e me dava. Se eu não quisesse morrer de fome, tinha que comer.

Cena 13 - O Assédio

Maria (narrando) - Um dia minha madrinha se cansou de mim, diz que eu dava despesa demais, e me entregou para outra família de um médico, do Doutor Fernando. Eu já tinha trabalhado em casa de gente rica, mas nunca tinha trabalhado na casa de um "Doutor". O Doutor Fernando andava sempre alinhado, era casado, pai de duas meninas das mais formosas! Mas ele era exigente. Todo dia, às cinco da manhã, o Doutor me acordava com umas batidas na parede. (Sons de batida na parede). Ele era uma pessoa da maior importância, letrada! Tinha tanto livro na casa que eu ficava abismada de alguém ler aquilo tudo! Imagina? Não é qualquer pessoa que aquilo tudo na vida! Ele ia tomar banho, e quando ele terminava, o café da manhã tinha que tá pronto.

Maria (adulta): Um dia, a mulher dele não estava em casa. Aí, (Sons de batida na parede) fui fazer o café pra ele, igual todo dia. Antes de ir embora, o Doutor Fernando pediu pra eu esperar. E veio com um embrulho.

Fernando – Comprei ontem. Presente pra você, Maria.

Maria (adulta, com uma alegria triste) - Foi o primeiro sapato que eu pus na vida. Que lindo que

ficou.

Fernando – Ficou bonito, né Maria? Ele te deixa mais alta. Mais adulta. Assim fica mais fácil de te beijar. (avança em Maria forçando um beijo).

Maria (adulta lembrando) - (desvencilhando) Que quê isso, Seu Fernando?

Fernando – Calma, Maria. Você vai ser a outra! Vou te dar de um tudo! Esse sapato é só o começo.

Maria (adulta, narrando com desprezo): Menina! Eu com os olhos desse tamanho nele, naquele tempo até um beijo desonrava. Desonrar era a pior coisa do mundo, sabe? (Maria adulta continua assistindo a cena com ódio no olhar)

Maria (criança) - Não, seu Fernando. De jeito nenhum.

Fernando - (gritando e segurando Maria) O que é que você vai fazer? Ir embora? Você num tem nem pra onde ir. Você é só uma empregada. Não tem dinheiro no banco. Se quiser ficar aqui, é assim. (Maria em silêncio) Sua mãe não te ensinou nada da vida não? Devia ser outra inútil como a filha! Esse povo da roça é tudo preguiçoso!

Maria (Maria adulta pega a Maria criança das mão do doutor Fernando, como se ela se libertasse neste momento) – O senhor tem razão Doutor. Eu não tenho dinheiro, não sei ler, não tenho onde morar. Mas eu tive mãe que me deu educação sim. (sai levando a boneca)

Fernando - (gritando com Maria) Onde você pensa que vai? Volta aqui, Maria! Vota aqui sua roceira!

Cena 14 - Corre Maria, Corre

Maria (adulta): Sai da casa do Doutor Henrique com minha cabeça tontinha, tontinha, tontinha... Nem sabia pra que lado estava andando, nem dava conta de ler uma placa na minha frente. Mas nunca tinha sentido meu coração mais leve... Como se tivesse deixado uma pedra gigante que eu carregava todo dia nas minhas costas, sabe? Nesse dia eu chorei o dia inteirinho, mas depois que eu parei não chorei mais. Eu já tinha ciência que dali pra frente eu é que ia tomar conta da minha vida. Neste dia eu troquei um pouso na casa da dona Ana em troca de capinar um lote. No dia seguinte, eu fui é arar a minha vida.

(nuvens, com música instrumental)

Cena 15 - Epílogos

Adriana: Essa Maria seguiu seu sonho com cores e formas, de tanto colorir unhas, coloria suas histórias. Casou e montou seu próprio salão de beleza no fundo de casa, onde criou, carinhos e deu estudo para suas três filhas.

Abilio: Essa Maria seguiu seu sonho viajando pelo Brasil, virou caminhoneira, andou por todo canto do Brasil que pode de caminhão, de carro, a pé ou de bicicleta. E todo lugar chegava fazendo festa. Ela adora festas, e sempre que pode faz litros de leite de onça para a alegria de to-

dos.

Eliana: Essa Maria não se casou, trabalhou muito, teve dois filhos e depois dos 50 anos se matriculou em um curso de alfabetização. Hoje seus filhos a ajudam com o Bê-Á-Bá... Ela diz que eles são os melhores professores que teve em sua vida.

Dramaturgia Goyaz

Gato Negro



Gato Negro

Gato Negro é o novo espetáculo de rua da Cia de Teatro Nu Escuro, inspirado em mitos populares do imaginário latino-americano. Narra uma história, em uma fazenda no interior de Goiás no início do século XX, de três irmãs que esperam por sete anos Samuel Godói dos Santos, que prometeu voltar e se casar com quem seu coração sentisse mais falta. Durante essa espera elas recebem a visita de uma estranha criatura, meio homem e meio gato, que altera a rotina da vida dessas mulheres.

Esta montagem faz parte da trilogia GOYAZ de investigação cênica proposta pelo Cia Nu Escuro, que tem como objetivo olhar de forma crítica e poética para a formação rural do Estado de Goiás. Gato Negro é a segunda peça dessa trilogia, que começou com Plural (2012), com direção de Izabela Nascente e termina com a peça Pitoresca, com direção de Hélio Fróes. A trilogia GOYAZ também tem como proposta fortalecer as linhas de estudos e técnicas do grupo fundamentadas no trabalho de investigação do ator, na música executada ao vivo e

no teatro de formas animadas.

Um espetáculo de rua, com sua estética e sua musicalidade inspirada na força e nas cores do universo real maravilhoso latino-americano com sua estrutura girando em volta do personagem Gato Negro. Na América Latina como consequência de seu hibridismo cultural o barroco assentou-se em definitivo, gerando de uma realidade radicalmente nova. O próprio homem americano possui consciência de ser algo inédito, distinto de tudo mais, seja ele filho de brancos europeus, de negros africanos ou de indígenas nativos. Cada qual desses constituintes da mescla americana aportou seu traço barroco característico, construindo o denominado real maravilhoso, que representa e significa, em essência, o inusitado, o assombroso, o inaudito, enfim o exótico ou aquilo com que se estabelece uma relação radical de alteridade.

Ao mergulhar neste universo real maravilhoso do diabo latino-americano, a Cia de Teatro Nu Escuro se propõe em aprofundar suas linhas de pesquisas teóricas e práticas do fazer teatral. O imaginário maravilhoso dará a unidade do espetáculo: a encenação buscará uma construção da

movimentação e da personalidade dos personagens por meio do bailado das danças de salão latinas; a construção dos bonecos é calcada em um “encantamento metafísico”; e os ritmos musicais darão o sabor e o tempero para a cena. Os excessos que caracterizam essa linguagem serão sublinhados no espetáculo por um humor negro, mas sempre com um olhar crítico, sem cair no excesso. É o grotesco tratado com seriedade.

Ficha Técnica Original

Direção e Dramaturgia: *Hélio Fróes*

Elenco: *Abilio Carrascal*
Adriana Brito
Eliana Santos
Izabela Nascente
Lázaro Tuim

Direção Musical: *Abilio Carrascal e Cristiane Perné*

Músicas originais: *Cristiané Perné, Hélio Fróes e Abilio Carrascal*

Coreografias: *Lázaro Tuim, Luciana Caetano e*

Juliano Andrade

Figurinos: *Rô Cerqueira*

Confecção dos figurinos: *Elmira Inácio*

Cenografia: *Wagner Gonçalves*

Bonecos: *Izabela Nascente, Marcos Lotufo e Marcos Marrom*

Máscara: *Marcos Lotufo*

Arranjos e teclados na música Rasga: *Fred Praxedes*

Edição de som: *Rodrigo Assis, Sergio Valério e Dênio de Paula*

Próteses sonoras: *Pablo Lacerda (Goiânia Som & Acústica)*

Documentação em Vídeo: *Sergio Valério e Andréia Miklos (Fora da Lei)*

Fotografia: *Layza Vasconcelos (Oficina de Photos)*

Programação Visual: *Marcos Lotufo (Oficina Cultural Geppetto)*

Assessoria de Imprensa: *Larissa Mundim (Zeroum)*

Direção de Produção: *Lázaro Tuim*

Produção: *Marci Dorneles (Lúdica Projetos Culturais)*

Captação de recursos: *Marcelo Carneiro (Arte Brasil Eventos)*

Oficinas de preparação:

Manipulação de Bonecos: *Paulo Fontes*

Percussão: *Sergio Pato*

Canto: *Rita Mendonça*

Dança de Salão: *Juliano Andrade*

Interpretação: *Renato Livera*

Investigação corporal: *Luciana Caetano*

Animalidade: *Rodrigo Cunha*

Vivências:

Percussão: Sergio Pato

Dança de Salão: Juliano Andrade

Investigação corporal: Luciana Caetano

Animalidade: Rodrigo Cunha

Gato Negro

Personagens

Eurásia, a primogênita

Daomé, a bastarda

Jaciara, a caçula

Vaqueiro

Gato Negro

Cenas

I – O casamento das três irmãs

Tocam “El Manicero”, animados para a festa de casamento que está prestes a começar.

Jaciara (festiva): Aproximem-se! Hoje vai haver uma grande festa de casamento e estão todos convidados! Venham! Não se acanhem! O noivo logo já vai chegar, (com medo) depois de sete anos de viagem... (novamente alegre) Viagem de trabalho! Enquanto isso, vamos comemorar essa data festiva! (para as irmãs, com um cinismo infantil) Mais para uma, do que para outras... Vai haver muita alegria e risos na festa, mas também drama e tristeza das que não subirem no altar prometido. (alegre) Porém, a chama da vida acende para todas! (irônica) Assim como morte tudo apaga... (festiva) É muito bom termos vossas senhorias aqui conosco para festejarmos, (amarga) principalmente, nestes tempos de cruel amargura, onde rasgam a terra para que não possamos caminhar... (festiva) Hoje é dia de festa, festejamos!

Todos (cantam “Panta rei”):

A ladeira que sobe
É a mesma que desce
Até o mais sólido
Estremece
Brilha uma voz
Que fala muda e beija
A imagem contraditória
Relampeja
Tudo flui! Tudo flui! Tudo flui!
Nada é mais certo
Que a incerteza
Só a mudança permanece
Na natureza
O rio corre
E transforma a mente
No fogo cósmico
Eternamente
Tudo queima! Tudo queima! Tudo queima!

Jaciara: Ele chegou? Já está na hora, não é? Daomé, você viu? (Daomé balança a cabeça negativamente, Eurásia se aproxima do público para falar).

Daomé: Ainda não.

Eurásia (incisiva): Amigos, vizinhos, conhecidos e também desconhecidos. Sejam todos bem-vindos. Agradeço por comparecerem em nossa fazenda.

Daomé: Mesmo com os fantasmas dos índios e negros mortos em chacinas aqui pelos arredores...

Eurásia (interrompendo): Como todos sabem, hoje é o dia prometido para a volta de Samuel Godói dos Santos, o Godói. Que regressa depois de seus sete anos de viagem para escolher uma entre nos três, se casar e (seca) ser feliz para sempre. Pois: "Tudo tem a sua ocasião própria, e há tempo para todo propósito debaixo do céu." Eclesiastes, capítulo 3, versículo 1.

Jaciara (conversando com seu rato de estimação que guarda no bolso): Você escutou, Kaíros? Hoje será o dia que Godói irá me escolher!

Daomé: Na verdade, escolherá entre Eurásia, Jaciara e Daomé, que sou eu. (confusa e tímida) Quer dizer, não sou eu a escolhida, ainda... Eu sou a Daomé e não é que não queira ser a escolhida, pois até ganhei um lenço do Godói, mas...

Eurásia (interrompendo): Sim, inclusive Daomé, nossa irmã bastarda também é uma das pretendentes (com desprezo) e ganhou até um lenço. (mudando de assunto) O vestido de noiva está ali (aponta para um manequim vestido de noiva). Hoje uma de nós três irá vesti-lo e depois se casar com Samuel Godói dos Santos. Segundo sua promessa, Godói chegará hoje, antes da sétima badalada.

Jaciara e Daomé: Antes da sétima badalada!

Eurásia: Quero agradecer a presença de todos, especialmente do padre, que veio mesmo não sabendo qual de nós seria a noiva do casamento e sem conhecer o noivo.

Jaciara (interrompendo): Godói é moço de bem. Trabalhador, ordeiro e rico!

Daomé: Rico e bonito!

Jaciara: Isso! Rico e bonito! Foi o que ele prometeu! Eu já não me aguento de tanta ansiedade para colocar o vestido de noiva!

As duas brincam com o vestido no manequim.

Eurásia: Parem as duas! Não me façam passar

vergonha na frente das visitas, como duas sassariqueiras de janela. Ninguém toca no vestido até Godói escolher sua preferida. E vamos deixar de conversa chula, eu quero que ele chegue e encontre uma festa e não os devaneios de duas cabritas insanas. (muda de assunto) Esse aqui é o melhor amigo de Godói (aponta para o Vaqueiro), o Vaqueiro fez a promessa de trabalhar para nós até a volta de seu compadre.

Jaciara (brincando): Hoje você recebera sua alforria, Vaqueiro!

Vaqueiro: Que isso, Dona Jaciara. Eu fico aqui até quando for preciso.

Eurarásia (seca): E enquanto estiver por aqui é nosso empregado. Vamos Vaqueiro! Toca esse violão! Eu quero todos os convidados bem felizes para a chegada de Godói.

II – A saga de Samuel Godói

Começa um som que lembra um projetor de cinema.

Teatro de Bonecos ilustram a cena narrada/cantada (corrido mexicano) por Vaqueiro. As três irmãs

manipulam os bonecos em um pequeno placó (empanada), delineando as história.

Vaqueiro (narra/canta):

Existe uma historieta triste
Dum marrento menino matreiro
Que mesmo sem o canudo do estudo
Tinha tino e timbre com dinheiro
Filho de escravos libertos, mas não livres
De pele negra que nega em negrito
O boato do nascimento do filho mulato.
Nasceu, Samuel Godói, na Fazenda dos Aflitos
Com o sorriso sorridente estampado
Godói sempre soube sabido o que queria
Aos sete anos de idade pediu ao patrão
Sem maldade, um novilho jambo que jazia
Um decadente boizinho magro e doente
Sem embate, seu abate era latente
Mas o Patrão tinha por Godói afeição
O novilho moribundo, pra ele fez a doação.
Godói cuidou com cuidado e com afinco
E feito homem honrado, passou até fome
Trabalhou sem tédio pra comprar o remédio
E o melhor feno que um boi consome

Deste modo, o novilho foi moldado
Cresceu crescente de tanta comilança
O rebento virou o maior boi do rebanho
E seu nome foi nomeado de Boi Esperança
Apesar de pensar pensativo e paciente
Godói sonhava grande seus soltos sonhos
E no amor foi além, queria um harém
Apaixonou-se por três irmãs, deponho
Elas ficaram desconfiadas, ressabiadas
Mas acreditaram no amor verdadeiro
Decidiram que com uma delas ira se casar
Até venderia o Boi pra juntar dinheiro!
Porém, o Patrão patranha tinha outra opinião
O Boi Esperança agora era de muito valioso
O melhor boi da região não podia virar dote
E não titubeou, pegou de volta o bovino brioso
O pobre do Godói não foi nem consultado
Chegou desavisado e não viu o Boi Esperança
Quando soube da traição do pérfido patrão
Foi atrás do algoz com toda a desconfiança
Com lágrimas Godói sentia deu sonho partir
Perderia suas noivas e o futuro familiar
Sabia que o tirano patrão não iria sucumbir
Mas ele também era tinoso e não iria refutar
“Eu vim buscar meu Boi Esperança”

O patrão ficou insultado com a bravata
Como pode um coitado de um vaqueiro
Desafiar as ordens de um patrão autocrata?
Os jagunços espancaram o coitado Godói
Destruíram sua casa e expulsaram da fazenda
Prostrado, foi arrastado e acabrunhado
Explicar para as três irmãs sua contenda
Disse que iria partir para enriquecer
Fazer fama e fortuna pelo mundo
Para que ninguém mais o humilhasse
E o chamasse de vacilante vagabundo
Para as três irmãs disse uma última sentença
Profetizou dentro de sete anos exatos
Neste mesmo dia do calendário
Antes que a sétima badalada toque de fato
Voltaria para casar com uma das três irmãs
Escolheria neste tempo de exílio mordaz
A moça que seu coração sentisse mais falta
E partiu sem olhar para trás
Neste instante, o sino toca sete vezes

III – A sétima badalada

Jaciara (falando alto para a platéia): Goidói chegou?
Você está aí, Godói? Se estiver, pode vir. Estamos te

esperando. (para o rato) Você vê, Kaíros?

Daomé: Não. Ele ainda não chegou. E já tocou a sétima badalada.

(Longa pausa. As irmãs esperam ansiosas. Ouve-se o canto do inhambu).

Jaciara: É você Godói? Godói? (corre para a janela)
Você chegou? (para Daomé) Ele chegou?

Daomé: Não. São somente os Alencastros indo embora.

Jaciara: Ei! Seu Antônio? Dona Luzia? Vocês vão perder o casamento! (espera resposta sem êxito)
Nem precisavam ficar. Pior pra eles. Sobra mais bolo. (sons de cavalos relinchando) Ai Daomé! (quase chorando) Agora é ele! Ele chegou! Meu coração ta tremendo! (corre para outra janela, rezando) Ele vai me escolher... Ele vai me escolher... Ele vai me escolher... Ele vai me escolher...

Daomé: Não é Godói. Mais gente indo embora. (aperta os olhos, tentando ver melhor) Os Nogueiras, os Moreiras e os Ferreiras.

Jaciara: Povo sem paciência. Tudo sem eira, nem beira. (dando bronca) Ele vem de longe! Dizem que

ele vem da Finlândia! A Finlândia não fica ali em Vila Boa! Ele só tá atrasado.

Vaqueiro (para Eurásia): O Padre também foi embora. Disse que essa festa era uma insanidade e saiu.

(Eurásia fica imóvel, sem responder ou olhar para ninguém).

Jaciara: Como assim?

Vaqueiro: E levou todos os alfenins que a Dona Daomé preparou.

Jaciara: Todos?

Daomé: Os alfenins do Godói...

Vaqueiro: Disse que era muito desperdício de comida. Que iria distribuir para os pobres na paróquia.

Jaciara (indignada): E desde quando alfenim enche a barriga de alguém?

Vaqueiro: Ele também levou o empadão, o guisado de bode e o frango com gueroba.

Daomé: Como assim? O padre ficou maluco?

Vaqueiro: Na verdade ele levou foi toda a comida do casório. Até o bolo.

Jaciara (mais indignada): Que isso! Vaqueiro, seu idiota! Você deixou ele ir embora? Era o banquete do Godói, não era para esse povo que foi embora! Esse padre é um ladrão!

Vaqueiro: Foi o combinado.

Daomé: Combinado?

Vaqueiro: É. Foi o combinado.

Jaciara: Que combinado?

Vaqueiro: Só viria para o casamento se pudesse levar toda a comida para os pobres, caso o Godói não aparecesse.

Jaciara: Combinado com quem?

Vaqueiro: Olha, Dona Jaciara, comigo é que não foi.

(olham para Eurásia que permanece imóvel).

Jaciara (decepcionada): O Godói vai chegar a qualquer momento e não vai ter comida.

Daomé: Calma Jaciara. Ele quer uma de nós três. Ele não quer guisados ou alfenins.

As três irmãs continuam a espera. Começa um som alto de “tic-tac” de um relógio. De forma mecânica, as três irmãs tocam uma salsa caribenha no compasso do relógio. Em movimentos repetitivos e tensos esperam a volta de Godói. Som de porta batendo. O som do relógio e a música param, elas olham para o horizonte e depois para o público. Volta o “tic-tac” e salsa caribenha. Para a música quando Jaciara se levanta.

Jaciara: Ele só está atrasado. A Finlândia é longe, minhas irmãs!

IV – A noiva decapitada

Daomé (falando para a platéia): Já partiram todos os convidados. Agora só os fantasmas nos observam. É por isso que estamos aqui, pelos fantasmas.

Eurásia, segurando um cabo de enxada, vai em direção do manequim com o vestido de noiva e o olha com rancor. Com o cabo em mãos espanca o manequim. Jaciara começa a gritar e segurada por Daomé e Vaqueiro.

Jaciara: Eurásia! Não faça isso! Ele vai voltar! Ele vai

voltar, minha irmãzinha! Godói vai te escolher! Eu falo pra ele te escolher! Todas nós falaremos! Ele vai voltar! A Finlândia é longe, minha irmã! Pare, minha irmãzinha! Pare! Pelo amor de Nossa Senhora dos Aflitos! Pare! Pare! A Finlândia fica do outro lado do oceano...

Eurásia para olha seca para a noiva e dá um último golpe na cabeça do manequim, arrancando-a. Jaciara para de chorar.

Eurásia: Daqui em diante ninguém espera por homem algum.

Jaciara (canta):

A casca descasca

A areia arranha minha fala

E as palavras secam em minha boca

Sinto-me louca

Sinto-me pouca

Sinto-me outra

(grita) OUTRA! OUTRA! OUTRA!

(fala calmamente) Louca... Com as palavras secas na boca

Salva-me saliva

Imploro teu beijo encharcado
Minha vida áspera já resseca rouca
Sinto-me louca
Sinto-me pouca
Sinto-me outra
(grita) OUTRA! OUTRA! OUTRA!
(fala calmamente) Louca... Com a vida áspera e
rouca

Jaciara: Você pode não pode impedir que espere pelo amor prometido (começa a alisar seu rato de estimação).

Daomé: Mas Eurásia, nós precisamos de Godói. A fazenda está falida. E depois da morte do nosso pai, os outros coronéis da região não param de assediar nossas terras.

Eurásia: Ainda podemos pedir mais empréstimos. Deus proverá!

Daomé: Quem dará mais dinheiro para nós?

Jaciara (rindo debochada): Só Godói pode nos salvar! Ele vai voltar rico da Finlândia e nos salvar!

Eurásia: Esta fazenda é de nossa família. O que

vocês querem? Que a abandonemos como animais fugidos?

Daomé: Por que não? Ainda podemos vender a fazenda. E com o dinheiro ir para a cidade. Quem sabe, vamos para São Paulo começar uma vida nova!

Eurásia: Não vou a morrer em uma cidade estranha. Morrerei nessa fazenda. “Porque nós somos de ontem, e nada sabemos, porquanto nossos dias sobre a terra, são uma sombra.” Jó, capítulo 8, versículo 9.

Daomé: E você, Jaciara? Não quer conhecer uma metrópole? Lá tem energia elétrica e rádio! Dizem que tem até tal de telefone! Você também não quer o futuro?

Jaciara: Eu só vou se meu futuro marido quiser.

Daomé: Vocês perderam a razão.

Eurásia (com crueldade): Sempre te tratamos como uma de nós. Minha mãe sempre te aceitou de bom coração. Agora você quer abandonar tudo? Este desapego só poderia vir da filha bastarda!

Daomé: Sempre soube que era bastarda. Você nunca me deixou esquecer. Mandando arrumar a casa ou

lavar sua roupa. Foi muito duro quando Godói me escolheu como uma de suas prometidas? O sangue que corre na minha veia também é de nosso pai. E esta fazenda é tão minha quanto sua no testamento.

Eurásia: Bastarda. Este chão onde nosso pai morreu tem mais sangue de minha família que você. Não vou abandonar o sangue de meu pai.

Daomé: Aqui só tem ruínas. E vocês vão ficar aqui? Abandonadas no meio do nada? Estamos no início de um novo século! O futuro está passando ao largo e nós ficaremos presas neste passado cristalizado? (debochando com o sotaque e forçando os “erres”) Encravadas no interior do interior desta amnésia divina? Perdidas neste chão parado? Sabe... Todos os dias eu olho para o céu e vejo que a única coisa que se move nessa terra são as nuvens. E cada dia elas andam mais depressa... Pode ser o mundo que esteja girando mais rápido, ou eu que estou cada vez mais estática, transformando-me numa estátua de sal, para ser devorada pela vaca leiteira do tempo. Não mais. Saio hoje mesmo! Vou encontrar o progresso!

V – O uivo do gato

Silêncio. Vendo que nenhuma irmã reage às suas ameaças, Daomé vai embora e passa ao lado da noiva decapitada.

Daomé (para a noiva): Também não preciso de você.

Sai em direção do público, mas é impedida por Vaqueiro.

Vaqueiro: Dona Daomé, não posso deixá-la sair. A senhora mesmo disse, todos já se foram e só restam os fantasmas.

Daomé: Não tenho medo de fantasmas.

Vaqueiro: Mas deveria. Várias mortes estão ocorrendo na região. Até os jagunços estão com medo de sair sozinhos.

Daomé: As pessoas estão morrendo é de fome e doença. Os coronéis não querem saber como elas vão viver, só querem pasto para o gado.

Vaqueiro: Nessas terras já morreram muitos escravos e índios. Tem muita alma querendo vingança.

Daomé: Já disse, não tenho medo de fantasmas.

Ao longe, escuta-se um uivo assustador.

Daomé: Mas disso eu tenho medo (volta).

Eurásia: Coronéis desgraçados! Não basta roubar nosso dinheiro com esses bancos agiotas! Agora infestam nossas terras com animais selvagens!

Vários uivos.

Jaciara: Foi isso, minha irmã! O meu noivo foi atacado por animal selvagem! Por isso não chegou a tempo do prometido!

Daomé: E se não for um animal?

Vários uivos.

Eurásia: Vaqueiro! Olhe se a criatura está por perto!

Vaqueiro sai. Sons de uivos vão aumentando até se transformarem sons monstruosos. No auge do barulho o som para. Silêncio. Sons de vários miados de gatos. Aumentam os miados dos felinos, até se transformar em um barulho de motor de carro acelerando. O som para e aparece o Gato Negro, meio homem, meio gato. As três irmãs começam a tocar um sensual bolero. Ele tira um pente de uma de suas mangas como em um passe de mágica e penteia seus cabelos e seus pelos. A música continua. O Gato Negro começa a dançar, seduzindo

as três irmãs, que se encantam com ele.

As três irmãs (cantam o bolero “Mistério”):

Eu vi o mistério
Estava lá na minha frente
Enorme como uma esfinge
Sem revelar seu segredo
O mistério é uma sombra
Que vive na penumbra
Porém quando iluminado
Desaparece do enredo
Quando a lua cheia chegar
Saio de casa para amar
Mistério!
Ele se desvela e se vela
Mistério!
Não há verdade mais sincera
Mistério!
Minha messalina mais singela
Mistério!
Por favor, Aléthea, se esconda na novela!
Há mais entre o céu e a terra
Que sua vã filosofia
Enigmas cafajestes à revelia

Pois o paradoxo da vida é a morte
A realidade se oculta sob um véu
Enamorada pela ficção cruel
São amantes incestuosas
Um amor sádico à luz da sorte
Quando a lua cheia chegar
Saio de casa para uivar
Mistério!
Uma metafísica amargura
Mistério!
Cavaleiro da triste figura
Mistério!
O amigo elegante da loucura
Mistério!
Verdade e mentira na mesma mistura!

O Gato Negro dança também para Vaqueiro que é seduzido, quase se beijam, depois de um momento de hesitação, Vaqueiro dá um tiro. Gato Negro cai no chão. Um longo grito (gravação) feminino e melódico de dor. Enquanto isso, Vaqueiro acorrenta o Gato Negro.

As três irmãs: Foi assim que o Gato Negro entrou em nossas vidas. Em nossas vidas banais. Para cuidar das feridas. Só não sabemos quais.

Vaqueiro (narra/canta):

Depois de rápidos cinco longos anos
Com o Gato Negro acorrentado no porão
O medo apavorante do desconhecido
Ainda aplaca o juízo e a razão.

As três irmãs e Vaqueiro observam o Gato Negro acorrentado.

Daomé: O que será essa coisa?

Jaciara: Será que essa coisa matou meu noivo? Essa coisa é um assassino!

Daomé: A gente não sabe se ele matou alguém...

Eurásia: Agora, além do assédio dos banqueiros para com a nossa fazenda, temos que nos preocupar como este monstro. Criatura nojenta.

Jaciara: Nojenta.

Eurásia: Olha quanto pêlo...

Daomé: É asqueroso, mas não sabemos se é um assassino, (em dúvida) por mais que pareça.

Eurásia: Não é cristão.

Jaciara: Não é cristão.

Daomé: Não é cristão.

Jaciara: É um animal selvagem!

Daomé: Isso tem rabo, gente não tem rabo.

Eurásia: Você que prendeu a criatura, Vaqueiro, o que acha?

Vaqueiro: Eu não gosto dessa situação. Por mim, a gente matava logo essa coisa, mesmo que não tenha feito nada.

Jaciara: Escutaram, irmãs! Vamos matá-lo! Dá pra ver a maldade no seu olhar!

Daomé: O Vaqueiro é um idiota. Matar é a única coisa que sabe fazer.

Eurásia: Por que devemos matá-lo, Vaqueiro?

Vaqueiro: Porque ninguém sabe que coisa é essa. Isso parece, ao mesmo tempo, feio e bonito, bravo e manso, mau e bom, gente e bicho. Não confio nesse tipo de coisa. Uma coisa que não é coisa. Mas quando você olha tá lá: a coisa. E diferente do que a coisa era antes. Uma coisa coisando sem parar. Uma coisa que coisa, entende? (pausa, as três irmãs não

respondem) Quando eu olho a coisa, eu me sinto como se fosse um passarinho que tá trocando a penugem por penas. Um passarinho que vai dar o primeiro dar o primeiro salto do ninho. Eu não sei se vou voar, ou se vou cair.

As três irmãs: Não é Cristão.

VI – Gato ou Lobo?

Jaciara: Vamos ver o cachorro mais de perto?

Daomé: É um gato.

Jaciara sai correndo em direção ao Gato Negro e Daomé a segue.

Jaciara: É o cachorro mais estranho que já vi.

Daomé: Não é um cachorro. É um gato.

Jaciara: É verdade, não é um cachorro. É um lobo!

O Gato Negro está se lambendo como um felino.

Daomé: Não vê que é um gato?

Jaciara (decepcionada): Gato?

Daomé: Um gato negro.

Jaciara: Não pode ser um gato. Um gato sobe em arvores, porque ele não sobe? Um cachorro ou um lobo fica em pé nas duas patas como ele se ensinarem, mas um gato não. E um gato não mataria meu noivo, já um lobo... (para o rato) Não é Kaíros?

O Gato Negro mia.

Daomé: Não sabemos se ele foi morto. Pra mim, ele não quis voltar.

Jaciara: Daomé, nunca mais vou ver Godói de novo, a única pessoa que já amei.

Daomé (olhando para os olhos de Jaciara): Eu ja não posso falar o mesmo.

Jaciara: Ele era a esperança em minha porcaria de vida...

Daomé: Jaciara, você é jovem e linda, pode ter quantas pessoas...

Jaciara (interrompendo): Nunca mais! Tudo culpa deste lobo! (cospe no Gato).

Daomé (falando de forma quase automática): É um gato (pausa, depois retira um lenço do bolso). Tome de presente, Jaciara (entrega-o). Este é o lenço que

ganhei do Godói antes de partir (silêncio, Jaciara olha sem entender). Fique com uma lembrança dele.

Jaciara: Você não vale nada, minha irmã, não é? (debochada) Kaíros, o que ela deu para ganhar esse lenço?

Daomé (sem graça): Pare com isso, Jaciara.

Jaciara: Sempre assanhada! Diga, irmãzinha, como foi que o seduziu?

Daomé: Pare, por favor.

Jaciara: “Daomé chulé!” “Daomé, quem quer?” Por que meu noivo daria um presente para uma bastarda?

Daomé: Ele me deu pelo mesmo motivo que te dou agora: por amor.

Jaciara (risos e muda de assunto): Vamos ver se o lobo gosta de brincar! (passa o lenço perto do Gato Negro algumas vezes) Lobinho? Lobinho? Lobinho? (Gato Negro arranca o lenço de sua mão com um golpe rápido. Ela grita). Quase arrancou minha mão!

O Gato Negro brinca com o lenço e, como mágica, faz aparecer outros dois lenços idênticos. Depois faz

malabarismo com os lenços. Ao final, entrega um lenço para Jaciara e outro para Daomé.

Jaciara: Gato idiota (sai).

VII – A dança da Noiva

Daomé fica só. Aproxima-se do vestido de noiva caído no chão o chuta algumas vezes com raiva. Depois ajoelha-se perto dele e o segura. Vaqueiro se aproxima.

Vaqueiro: Tenho certeza que você teria ficado muito bonita neste vestido.

Daomé: Por mim, a gente colocava fogo nele.

Vaqueiro: A dona Eurásia não quer tirar daí. Disse que ninguém pode tocar.

Daomé: E você veio me impedir?

Vaqueiro: Não, dona Daomé, eu só...

Daomé: Você gostava do seu amigo, o Godói, não é?

Vaqueiro (feliz): Sim, gostava dele mais do que meu próprio cavalo.

Daomé: Por que você ainda não foi embora, Vaqueiro? Godói não vem mais. Não tem promessa pra cumprir.

Vaqueiro: Não vou deixar vocês sozinhas com essa besta fera.

O Gato Negro mia mansamente.

Daomé: Mentira. Tem outro motivo.

Vaqueiro: Na verdade tem outro sim.

Daomé: Não tem coragem para revelar seus segredos, Vaqueiro?

Vaqueiro: Não é falta de coragem. É que ainda não sei o que é.

Vaqueiro sai. Daomé acaricia o vestido de noiva.

Daomé: Você ficaria linda nele, minha irmã.

Daomé dança com o vestido. Alusão a Butterfly Dance (aprox. 1890), da coreógrafa americana Loie Fuller. Música feita com xilofone e outros elementos de percussão. Ao final da coreografia, Gato Negro aplaude lentamente e com olhar enigmático. Daomé se irrita, joga o vestido no chão e sai.

VIII – A Primogênita

Vaqueiro (narra/canta):

Passaram-se cinquenta e quatro messes
Não sentiam mais o perigo
A primogênita com sua cachaça
Desdenhava de seu novo amigo

Eurásia se aproxima do Gato Negro com uma pequena garrafa de pinga.

Eurásia: Olá Monstro, já se passaram anos e eu não me acostumo com sua feiúra. (oferece um copo de bebida, bebe e depois ri) A cada dia eu também fico mais feia. Entretanto, têm o lado bom de envelhecer: a Morte que já chega para acabar com a pasmaceira da vida. “Os meus dias são como a sombra que declina, e eu, como a erva, me vou secando”. Salmos, capítulo 102, versículo 11 (bebe e ri novamente. Relógio toca sete badaladas). Sete horas. Como se isso significasse alguma coisa! O tempo do relógio não serve de nada. (bebe e ri). Para que uma máquina que marca o minuto presente, se ele já passou? O tempo é uma criança brincando. “O que é, já existiu; e o que há de ser,

também já existiu; e Deus procura de novo o que já se passou.” Eclesiastes, capítulo 3, versículo 15 (bebe e ri). Como se mede a memória? E o tempo da música? Só quem é muito pamonha para achar que é o metrônomo! Ele está aqui dentro (aponta para o peito e cantarola o bolero de Ravel). Mais isso você já sabe, não é Monstro? Não existe relógio que marca o tempo do seu rebolado! (ri, o Gato Negro arranha sensualmente suas costas) Olha, seu Monstro safado (bebe e ri)! Como se marca o tempo do sabor de um alfenim derretendo na boca? Como o relógio contaria as vezes que eu já cai bêbada com meu pai, aqui nessa varanda? Quantas risadas das piadas sem graça de meu avô debaixo desse teto? E o pior... (pausa) como se coloca preço nisso? “No entanto, não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois um vapor que aparece por um pouco, e logo se desvanece.” Tiago, capítulo 4, versículo 14 (bebe e ri). (Começa a chover) Essa fazenda perdeu muito a vida depois que meus pais morreram. Ela perdeu o viço. Eles foram desmanchando, Monstro. Meus pais perderam primeiro a visão, depois os movimentos... Eles se mijavam e se obravam por inteiros. E eu mesma fazia questão de limpá-los todos os dias. Porém, o mais triste foi quando

eles foram perdendo as lembranças. Igual areia caindo da ampulheta. Minha mãe até me chamava de Daomé... Vê lá, se eu tenho cara de bastarda! E eu deixava ela me chamar de Daomé... Era a única forma de ela me dar atenção. Depois de velha, minha mãe tinha mais carinho pela bastarda do que pelas filhas. Falava com uma voz doce coisas sem sentido de uma velha gagá. Quando descobria que eu era uma bastarda, ela mudava completamente. Ficava seca. (resmungando) Daomé... (bebe e não ri) Pois, lhe digo uma coisa, Monstro, a alma de brilho seco é a mais sábia (para a chuva).

IX – Quem sou?

Entra Jaciara.

Jaciara: Agora o monstro é seu novo amigo, Eurásia?

Eurásia (cínica): Jaciara, minha adorável irmã.

Jaciara: Amigo ou noivo?

Eurásia: Não fique com ciúmes, podemos dividi-lo também.

Jaciara: Não obrigada. Não quero nada com o assassino de Godói.

Eurásia (seca e dura): Já disse que não quero mais ouvir este nome.

Jaciara (irritada): Godói! Você não manda em mim, sua velha!

Eurásia: Sua criança!

Jaciara: Godói! Godói! (continua repetindo sem parar).

Eurásia (tentando fazê-la parar de falar): Pare! Pare! Já disse que pare!

Impaciente, Gato Negro grita igual ao Tarzan. As duas param de brigar. Neste instante, as trocam de corpos. Som constante de vento.

Jaciara (no corpo de Eurásia): O que é isso? O bichinho de estimação enlouqueceu?

Eurásia (no corpo de Jaciara): Jaciara! O que você está fazendo com meu corpo?

Jaciara (no corpo de Eurásia): Minha irmã, como fiquei velha?

Eurásia (no corpo de Jaciara): Ai meu Deus! Também estou no corpo desta imprestável!

Jaciara (no corpo de Eurásia): O que vamos fazer, minha irmã? Não posso ficar neste corpo velho e enrugado para sempre!

Eurásia (no corpo de Jaciara): Também não estou feliz com esta troca! Meu Deus, pior que isto só se fosse trocada pelo corpo da bastarda!

Jaciara (no corpo de Eurásia): Eu tenho tanto pra viver! O que vou fazer agora? Neste corpo velho posso morrer a qualquer momento!

Eurásia (no corpo de Jaciara): Será que terei que viver sua vida, Jaciara? Não suportaria... Já é difícil conviver com você nesta fazenda... Ainda mais viver sendo você!

Jaciara (no corpo de Eurásia): Não quero morrer como outra pessoa!

Eurásia (no corpo de Jaciara): Eu não sei o que é pior: morrer ou viver com a eterna dúvida de saber quem sou?!

Jaciara (no corpo de Eurásia): Quero cheiro é este? Credo! Eu não quero este cheiro!

Eurásia (no corpo de Jaciara): “Nasce como a flor, e murcha; foge também como a sombra, e não

permanece.” Jô, capítulo... Ora! O que importa?! Já não sei mais quem sou! Como saberei o que pensar?

Jaciara (no corpo de Eurásia): Estou morta, velha e murcha...

Eurásia (no corpo de Jaciara): Não sei mais quem sou... (grita) Quem sou?!!!

Silêncio. As duas irmãs se entreolham desejando seus antigos corpos. O som de vento fica mais nítido e subitamente para. As duas irmãs baixam a cabeça.

Jaciara (erguendo a cabeça e olhando as próprias mãos): Graças a Deus, Eurásia.

Eurásia (abalada): Quem sou? (olha para as próprias mãos e grita para o Gato Negro) Nunca mais faça isso!

Saem as duas irmãs.

X – A Caçula

Vaqueiro (narra/canta):

Outras quatrocentas e vinte e três semanas
Encheu de esperança e ilusão

O coração da jovem caçula
Com seu problema sem solução

Vaqueiro está olhando o Gato Negro fixamente.
Como se tentasse entendê-lo. Jaciara se aproxima.

Enquanto Jaciara fala, Gato Negro tenta pegar o rato
Kaíros que está em sua roupa, mas é impedido pela
corrente no pescoço.

Jaciara: Você acha que isso matou Godói?

Vaqueiro: Não sei.

Jaciara: Não acredito mais nisso. Godói era muito
mais homem que essa coisa. (para o Gato Negro)
Daomé diz que você é um gato. Eu tenho dificuldade
de saber o que é você. (para Vaqueiro) Ele é gato ou
você é gente?

Vaqueiro: Eu só consigo entender o que eu já
compreendo.

Jaciara (para o Gato Negro): Por um acaso... Você
existe? Se pensa, existe! (risos)

Vaqueiro: Não sei o que isso é, mas sei que existe. E
no momento que for embora, não existirá mais.

Jaciara (para Vaqueiro): Você é estranho?

Vaqueiro: Ele nunca terá existido. Ninguém jamais existiu, (para a platéia) só os fantasmas que nos olham, pois só a morte faz sentido.

Jaciara (para Vaqueiro): Realmente você está estranho. Tá cada dia mais parecido com o Gato.

Vaqueiro: Que isso, Dona Jaciara, para com isso (se benze).

Gato Negro mia.

Jaciara (conversa secretamente com o rato, ri e depois fala implicando): O Kaíros disse pra você pra você miar também. Pra ver se tá parecido.

Vaqueiro: Num gosto desse tipo de brincadeira, não.

Gato Negro mia.

Jaciara: Ele tá miando pra você (pausa, fica observando a reação de Vaqueiro que não se move) Pra você miar junto com ele. Como dois bichos estranhos.

Gato Negro mia.

Vaqueiro: A Dona me dá licença que eu tenho mais o que fazer.

Gato Negro mia e Vaqueiro sai.

Jaciara: Mia, Vaqueiro! Vai! Mia pra mim! (mudando de idéia) Não! Mia pro Gato! (para o Gato Negro depois que Vaqueiro saiu) Será que o Vaqueiro tem razão? Só a morte tem sentido? Se tiver, melhor tomar cuidado para ele não arrumar um sentido pra você! (risos) Não é Kaíros? Eu acho que cada um deveria inventar um sentido próprio para sua vida. O sentido da minha vida é casar, mas esse não foi o sentido da vida que eu escolhi pra mim. Esse foi o que me deram: casamento. Eu nunca pude nem escrever uma poesia, quanto mais criar um sentido pra vida! (risos) O meu noivo, não! Ele vive! Foi para a Finlândia! Ele se arrisca! Será que terei que arriscar minha vida para tê-lo? Arrisco ou sou riscada! (risos) Por isso tenho esse ar constrangido, escondido nessa alegria. Uma alegria de quem espera a morte e deixa a vida mais tolerável. Mas não era assim, eu acreditava no amor. Agora o amor é só uma imagem do que eu acreditava o que era amor, uma ausência do que queria que fosse. (risos) Pare de fazer-me cócegas Kaíros! (mostrando o rato) Você já o conhece? Tenho ele desde meus três anos de idade, o Kaíros salvou minha vida. Não é, Kaíros? Salvou do “El Toro Canfboro”! A criatura mais cruel

que já surgiu na terra! Um enorme, jovem, viril, másculo touro! Tinha chifres duros como diamantes, cascos de aço e dizem que em suas veias corria óleo bruto e sua baba era como ferro fervendo! Aniquilou uma floresta inteira em uma única baforada. Bateu o casco no chão e três vilas foram destruídas! Bastava cinco lambidas para secar um rio! Mesmo destruindo tudo pela frente era considerado um Deus! Um dia, quando eu tinha três anos, “El Toro Caníboro” apareceu na minha frente (aponta para longe). Ele veio enlouquecido, babando, correndo em minha direção. Era a visão do apocalipse! Foi aí que surgiu o Kaíros! Entrou entre nosso trajeto. Kaíros ficou imóvel, fitando os olhos da enorme criatura bovina. O Touro parou, bufou, mas não tinha coragem de avançar, pois cada passo que dava sentia sua pele murchar, os ossos rangerem, a visão falhar! Ficando cada vês mais cansado, o touro desistiu e partiu. Dizem que foi procriar um rebanho “Del Toros Caníboros”. De qualquer forma, o Kaíros me protegeu! Ele é o irmão mais velho que eu nunca tive! (fazendo carinho no rato) Não é, Kaíros?

Com medo, Gato Negro desiste de tentar pegar o rato e começa a dançar.

Jaciara: Sempre quis dançar! Você me ensina? (Gato Negro aponta para a corrente no pescoço) O que você vai fazer se eu te soltar? Você não parece mais tão perigoso... Kaíros, você me protege? (conversa com o rato) Então vamos!

Solta o Gato Negro, começa uma música e eles dançam de forma sensual. É uma música latina (de domínio público), cantada e tocada por Eurásia, Daomé e Vaqueiro.

Jaciara: Isso foi celestial! Não foi Kaíros? (procura o rato em sua roupa) Kaíros?

Gato Negro está com o rato em sua boca. Só o rabo está de fora e ele engole.

Jaciara: Assassino! Assassino! Ele matou o Kaíros! Ele matou o Kaíros! Assassino!

Gato Negro volta correndo para a corrente e se prende com cara de quem não fez nada. Jaciara corre em direção de Eurásia, que dobra tristemente o vestido de noiva que estava no chão.

Jaciara: Eurásia! Aquele assassino matou o Kaíros! Ele matou o Kaíros!

Eurásia (termina de dobrar a roupa e responde com

o olhar vago): Quem sou?

Saem sem dizer mais nada.

XI – A Bastarda

Vaqueiro (narra/canta):

Mais dois mil setecentos e quarenta e dois dias
O tempo castiga e maltrata
O rancor cresce como erva daninha
Os órgãos e humores da bastarda

Daomé: Bastarda é a vó.

Daomé acende um cigarro, fuma e divide com o Gato Negro. Começa a acariciar seu rabo.

Daomé: Sabia que você tem um rabo bonitinho?
Fofinho... Na verdade, seu rabo é bem gostoso.
Elegante, comprido, firme e macio ao mesmo tempo.
Este teu rabo negro me excita. (retira uma faca)
Gostaria muito de tê-lo como souvenir. Vem aqui,
vem, com seu rabo negro gostoso.

Gato Negro tenta fugir, mas está acorrentado. Daomé se aproxima brincando e dançando com a faca. Segura no pescoço e o liberta das correntes.

Daomé: Vamos, pode partir. Vá embora. (Gato Negro somente a observa) O que está esperando? Xô! Passa gato vira-lata! Vamos! Gato de tapera! (pausa) Só responda uma coisa... É você, Godói? (não responde) Fala! É você, Godói? Você não o matou porque é o próprio Godói! Não disse que voltaria rico? Dono do mundo? O todo-poderoso? Agora você volta como essa aberração de circo? Que só sabe devorar ratinhos? Que vergonha... Um inútil. (ele começa a dançar, em uma tentativa de seduzir Daomé) Dançinha? Poupe-me! Não quero dançinha, teatrinho, magicazinhas. Por Favor! E você volta como um vagabundo? Essa coisa grotesca? O que faz para viver? Passa o chapéu na rua como um pedinte? Vende suas esquisitices pra conseguir um prato de comida? Aposto que as pessoas riem de você. Não passa de um inútil! E Pobre... Cadê o dinheiro, Godói? Fortuna!!! Poder!!! Dinheiro para podermos acabar com esses fazendeiros! Dinheiro para vingança! Retaliação!!! Desforra!!! (segurando forte o corte da faca) Para cuspir na cara do Patrão! Aquele cachorro... Quando você foi embora sabe quem virou o brinquedinho do Patrão? Foi a bastarda que virou a distração dele. Eu nem sabia o que ele fazia comigo. Bastarda! Tratava-me

pior que seu gado. Muito pior! Bastarda! Abusava de mim e depois jogava-me no chão como um pano velho. Bastarda! Minhas irmãs sempre fingiram não ver... Devemos muito dinheiro ao Patrão. Então era mais sensato que não criemos inimizades com o nosso dono! Opa! Dono não... (debochando) Nosso “credor”. (pausa) Você ainda está aqui? Pra que ir embora, não é? Aqui você ganha um prato de leite todo dia. Fique com seu prato de leite, que a bastarda vai embora desta fazenda afundada em dívidas. Adeus, querida Eurásia. (pausa) Jaciara, meu grande amor, será que um dia nos veremos novamente? Adeus Vaqueiro, que foi o único que nunca me tratou como uma bastarda. (abaixa e pega um pouco de terra no chão) Gosto muito desta fazenda e como dói amar uma terra que você odeia tanto. Adeus Gato vira-latas, seja você Godói ou não.

Gato Negro dança novamente, impedindo a saída de Daomé. Ajoelha-se e entrega uma rosa vermelha para ela.

Daomé: Enfia esta rosa no teu (sotaque castelhano) “rabo negro”.

Sai em meio a platéia. Gato Negro fica só no palco.

XII – O Vaqueiro

Vaqueiro (armado): Parado Besta Fera! Quem foi que te soltou? Não foi a senhorita Jaciara novamente, depois que você matou o rato dela. Anda, fala Besta Fera! Quem foi que te soltou? Eu já teria dado cabo da sua raça há muito tempo, mas a Dona Eurásia pegou afeição por você. Como pode? Ter uma criatura que não é homem, nem bicho dentro de casa. Trancada e escondida, como quem esconde os próprios vícios. Sem coragem para acabar com seus pecados ou libertá-los. (vendo a faca no chão) Cadê a Dona Daomé, Besta Fera? Essa é a faca dela, só ela usa essa faca! Foi ela quem te soltou? (pausa) Ela foi te matar e você a matou antes... E a devorou como um cachorro que devora os ossos de uma galinha... Você não podia ter feito isso com a Dona Daomé... Ela era a pessoa mais boa desse mundo... Você matou a pessoa mais boa desse mundo, Besta Fera? (avança para o Gato Negro com a faca) Você poderia ser um rei, sabia? Mas preferiu ser um paspalho! Agora será tratado como um paspalho que é! Vamos ver como você tá lidando com um homem! E não com uma das três

mulheres daqui! Um homem de verdade! Nada de bicho! E, sim, um caçador de bicho! Sou eu que zelo pela segurança das noivas do seu Godói. Ainda mais, de uma pessoa boa como a Daomé... O que você fez com ela? Uma criatura Besta Fera como você deve ter abusado dela, não foi? Aposto que você a beijou... beijou sim... beijou sim... (agarra o Gato Negro à força e o beija) Foi isso que você fez com ela? Não foi, Besta Fera? Vamos ver se você faz depois de castrado!

Corta o rabo do Gato Negro e joga a criatura no chão (Sons de gatos apanhando e porcos morrendo).
Avança segurando a faca em punho com a intenção de matá-lo.

Jaciara e Eurásia (tocam e dublam “vozes de crianças”, de forma alegre e festiva):

Rasga!

Minha pele com tatuagem

Chupa!

Meus ossinhos e cartilagens

Devora-me, devora-me, devora-me, devora-me

Devora-me, gatinho

Devora-me, selvagem

Tritura!

Minhas entranhas com alecrim

Mistura!

Uma sopa canibal de mim

Devora-me, devora-me, devora-me, devora-me

Devora-me, gatinho

Devora-me, arlequim

O clima infantil e alegre da música contrasta com a tensão e a violência da cena. Eurásia entra com uma arma apontada para o Vaqueiro. Para a música.

Eurásia: Vaqueiro, largue essa faca. Agora!

Vaqueiro (caído no chão): Ele matou Daomé, Dona Eurásia.

Eurásia: Mentira, Vaqueiro. Vi Daomé ir embora. Ela cumpriu seu destino. O destino que ela sempre quis.

Vaqueiro: Este é uma Besta Fera! É uma imitação mal feita do que é real no mundo! Não deveria existir entre gente!

Eurásia: Pelo contrário, ele é mais verdadeiro que o

real.

Vaqueiro: Dona Eurásia, isso não pode tá certo. Esse bicho é muito estranho, quando eu olho pra ele todo meu corpo dói. Sinto medo, frio, um gosto de sangue na boca. Chego a querer matar a Besta Fera.

Eurásia: É o amor, Vaqueiro. Isto se chama amor. (para o Gato Negro) Vai-te embora. Já te trancafiamos por tempo demais.

Vaqueiro: Ele não pode ir dona Eurásia! A gente nem sabe a verdade sobre ele!

Eurásia: Verdade? Pra que e por que a verdade? Se tudo muda sempre... Sempre... Até você, Vaqueiro, mudou, não percebe?

Vaqueiro: Dona Eurásia, a Besta Fera...

Eurásia (interrompendo): Eu não preciso mais prender o monstro. Nunca precisei... Só que eu não sabia disto. Eu não sabia. Primeiro o prendi por medo e intolerância mesmo. Depois por uma inveja seca e estéril. E por último por um ciúme sem medidas. Não deveria ter te trancado. Por favor, siga sua existência livre.

Gato Negro, sem o rabo, vai embora.

XIII – Angelus Novus

Jaciara: Eurásia! Eurásia! Acabou de chegar essa carta! Daomé hipotecou um terço de nossa fazenda! Seremos despejadas! Não teremos casa, minha irmã, não teremos casa!

Eurásia: Como? A bastarda fez o quê?

Jaciara: Hipotecou parte da fazenda! Não teremos como pagar! Nossa fazenda não dá lucro há muito tempo! Daomé é uma traidora! Uma traiçoeira!

Eurásia (rindo): Não fale assim de sua irmã! A bastarda fez o que tinha de ter feito. Aquela safada! Ela está vivendo sua vida. Nós também vamos fazer o mesmo.

Jaciara: Esta louca, Eurásia? Quer hipotecar sua parte na fazenda?

Eurásia: Não vamos hipotecar mais nada. Posso ainda não saber quem sou, mas quero viver minha vida. Não quero mais esperar um noivo, esperar uma salvação do futuro ou de um paraíso depois da morte.

Jaciara: Como minha irmã? Como? A fazenda não dá lucro mais...

Eurásia: Então trabalharemos o dobro. Sem ilusões. Essa fazenda já rendeu muito dinheiro e só parou porque nós paramos. Não tenho fantasias, Jaciara, sei que serão anos difíceis, mas serão nossos.

Jaciara: (chorando) Godói! Godói! Godói! Eu quero o Godói!

Eurásia: Não chore, minha irmã.

Jaciara: Eu preciso do Godói.

Eurásia: Não. Não precisa.

Jaciara: Você está louca!

Eurásia: Não estou louca. Nem bêbada. Na verdade nunca estive tão sã. Ao ponto entender as insanidades de nossa mãe. O melhor, o que eu acreditava ser insano. Lembro das suas últimas palavras como se estivessem gravadas na minha cabeça. Agora eu compreendo o que antes era só um zumbido.

Mãe (off): Daomé, (pausa) posso te chamar de filha, não posso?

Eurásia: Pode... minha mãe.

Mãe (off): Já consumi quase tudo que guardei.

Na memória.

Quando moça, perdi minhas tranças.

Velha, as lembranças.

O que acontece é... é que a gente esquece.

Esquece até que as lembranças existem.

Mas, as vezes, lembra de coisas que ainda não
aconteceram.

O futuro é o passado do presente.

O luminoso presente instante.

Que nos foge a todo instante.

Da beleza do agora... e não do nunca.

Ou pior, do sempre.

Hoje estou cega.

Mas vejo com clareza a morte sentada ao meu
lado.

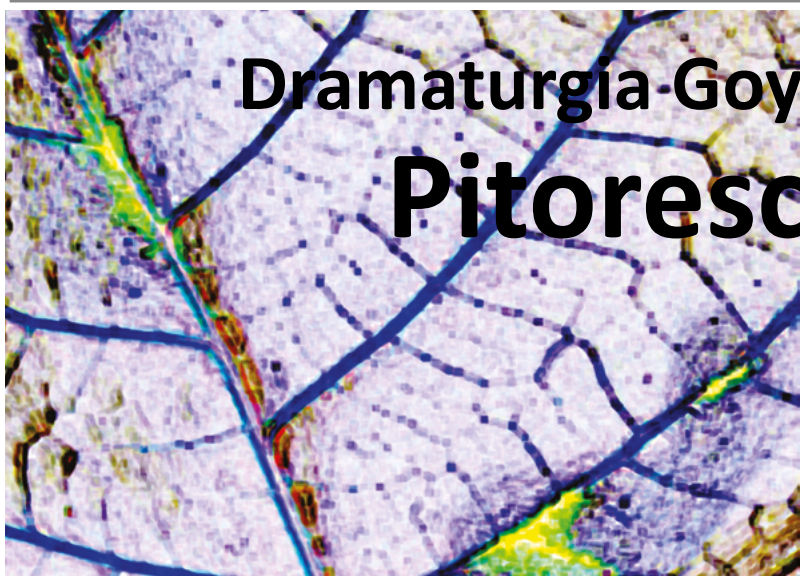
Morro alegre como quem nasce em prantos.

Não chore, minha filha.

Viver e morrer são como as chamas do fogo.
Sempre em transformação.
Tudo flui.
Dia e noite.
Inverno e verão.
Juventude e velhice.
Riso e siso.
Vida e morte.
São uma única coisa.

Só muda o perfume que deles exalam.

Do porão sai uma galinha de olhos esbulhados (na
forma do quadro “Angelus Novus,” de Paul Klee)
observa assustada a cena, cacarejando.



Dramaturgia Goyaz

Pitoresca



Pitoresca

Uma índia velha e grávida observa a história do Brasil por mais de 400 anos. Ela presencia a formação das identidades brasileiras que foram construídas a partir dos olhares estrangeiros. Relatos de cientistas e artistas europeus, autobiografia de um africano escravizado, livros de viagens de piratas aventureiros que passaram pelo Brasil forjam um caleidoscópio quase psicodélico de olhares no alvorecer da globalização que escancaram as contradições do nosso mundo moderno.

Texto criado a partir dos relatos e diários dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no período do século XV ao XIX, como Pero Vaz de Caminha, Auguste Saint-Hilaire, Langsdorff, John Emmanuel Pohl, Cuthbert Pudsey, Gentil de la Barbinais, Gardo Baquaqua, Anthony Knivet, Gobineau, Louis Agassaiz, Francis Castelnau, Hans Staden, Maria Graham, das iconografias e relatos elaborados por artistas e cientistas das expedições, como Rugendas, Taunay, Florence, Debret, Frans Post, Albert Eckhout e dos “Relatórios de Província” que o Governo de Goiás encaminhava ao Imperador

do Brasil no Rio de Janeiro no século XIX.

Ficha Técnica Original

Elenco: Adriana Brito
Eliana Santos
Izabela Nascente
Lázaro Tuim
Liomar Veloso
Abilio Carrascal

Direção e dramaturgia: Hélio Fróes

Colaboração na dramaturgia: Abilio Carrascal e
Izabela Nascente.

Consultoria em encenação: Julio Adrião

Preparação Corporal: Luciana Caetano

Coreografia: Luciana Caetano e Duda Paiva

Workshop Viewpoints: Fernanda Pimenta

Direção de Arte e cenografia: Benedito Ferreira

Assistente de Arte: Wilma Moraes

Figurino: Rita Alves

Adereços e cenotecnia: Wagner Gonçalves

Iluminação: Junior de Oliveira

Bonecos: Izabela Nascente, Guilherme Oliveira e
Marcos Marrom

Máscaras: Marcos Lotufo

Orientação em manipulação de bonecos: Duda Paiva
e Adriano Bittar

Músicas: Cristiane Perné, Hélio Fróes, Izabela Nascente e Rui Bordalo
Arranjos percussivos: Abilio Carrascal
Narração off: Rui Bordalo
Direção de Vídeo: Benedito Ferreira
Produção e edição de Vídeo: Maurélio Toscano (Semáforo Audiovisual)
Projeção Mapeada: Lina Lopes
Design Gráfico: Marcos Lotufo (Oficina Cultural Geppetto)
Assessoria de Imprensa: Nádia Junqueira.
Preparação Vocal: Patrícia Mello
Fotografias: Layza Vasconcelos (Oficina de Photos)
Documentação em Vídeo: Andreia Miklos e Sérgio Valério (Fora da Lei)
Produção: Luana Otto e Bruno Garajau (Balaio Produções)
Assistentes de Produção: Valmir Filho, Danilo Viera Fernandes e Larissa Bueno.
Coordenador técnico do Projeto: Marcelo Carneiro (Arte Brasil)
Coordenação do Projeto: Lázaro Tuim e Hélio Fróes

Agradecimentos

Kraós, Pedro Plaza, Renato Livera, Marcelle Oliveria, Hugo

Vieira, Marta Aragão, Uttara Arpana, Marcos Fayad, Albertina Vicentine, Paulo Petronilio, Renata Lima, Rodrigo Kaverna, Edilson Moraes, André Gardel, Kil Abreu, Chico Pelúcio, Rosa Berardo, André Gardel, Mauricio Borges, Natássia Garcia, Grupo Merken, Milena Jezenka, Rô Cerqueira, Fernanda Pimenta, Julio Adrião, Duda Paiva, Adriano Bittar, Allyson Garcia, Samuel de Jesus, Marci Donelas, Sergio Pato, Wellington Dias, Fernanda Fernandes, Marcos Pantaleão, Marcio Corte Real, Programa em Performances Culturais, Centro Cultural da UFG, Sesc Go, Aldeia Diabo Velho e Oficina Cultural Geppetto.

Músicas

Rito Indígena - Awê Pataxó

Cacique Rave - Rui Bordalo

Erro de Português - Oswald de Andrade e Izabela Nascente

Cientista Natural - Cristane Perné e Hélio Fróes

Marcha da horizontal - Izabela Nascente

Hino Nacional versão guarani - Joaquim Osório

Duque Estrada e Francisco Manuel da Silva

São Gonçalo - Cia Nu Escuro

Baquaqua - Cristiane Perné

Psi Bolero - Rui Bordalo

Ménage ou Dança dos três - Izabela Nascente

Pitoresca

Cena 1 – Antropofágico

Os índios brincando de “uia”, chega um ator com o boneco representando o prisioneiro. Ritual de morte do inimigo. Estão dançando e o ritmo aumenta tá virar uma música rave. É colocado o cocá no inimigo.

*Guerreiro (ameaçando) - Nhande poxi'a oenoi
nhane mano Yvy hayupy!*

*Prisioneiro (desafiador) - Iuru jora acáá heim ente
a cá!*

*Guerreiro - Hendy pe arai re agu'I openhara joo
raminguá!*

Prisioneiro - Abaçai cari, cari cari!

Guerreiro – Angaré!

Todos – Angaré! Angaré! Angaré!!!

*Estocada na cabeça pra matar o inimigo. Comem
as partes do inimigo e servem para o público.*

Todos (cantando) -

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva^[1]_[SEP]

Vestiu o índio

Que pena! Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português

Português – Terra à vista!

Cena 2 – Chegada dos portugueses

Fragments da carta de Pero Vaz de Caminha.

Enquanto imagens são projetadas.

A índia faz ações simples cotidianas, aponta para estrelas conversa sozinha acende o fogo deixa a fumacinha por causa dos mosquitos e dorme.

Narração portuguesa off - Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não

lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

Cena 3 - A Índia

Imagens de filmes nacionais contemporâneos. Entra a apresentadora como num show.

Apresentadora - Veja essa maravilha de cenário (apontando para as imagens e depois para o público), habitado por uma gente alegre, exótica! Uma gente misturada espontânea, que mora perto do paraíso ou distantes da civilização? Num lugar especial ou apenas num lugar a mais do mesmo e velho mundo? (observa as imagens na tela e depois indaga para o público) Quem você pensa que é? O que somos? Ou pensamos que somos? São temas recorrentes na nossa história e em boa medida fazem partes daquilo que herdamos do passado

e como lidamos com isso. É lá que encontramos as respostas para essas dúvidas primordiais. Ou a razão delas existirem. Pois não existe identidade inata. Existe identidade construída. E parte da nossa identidade foi forjada por relatos de viajantes europeus pelo Brasil do século 17 ao 19. Porém, antes de ouví-los vamos escutar uma verdadeira nativa! Uma índia recentemente encontrada nos rincões perdidos de Goiás! Uma índia senil! Perdida, solitária! A última de sua tribo. Que gesta a nossa origem! (para a índia) Por favor, fale. (silêncio) Não tenha medo, está entre amigos, fale.

Breve silêncio.

Índia - Onhe Hendu ypiranga gui hembe Kangy'I xondáro sapukai omboryryi. Kuaray açá oexape vy nhanderesaka, hendy pe arai re agu'I openhara joo raminguá. Jyvá mbaraete py rogueru ne kâmy teko vy'a. Nhande poxi'a oenoi nhane mano Yvy hayupy Nhemboete. Oúma ! Oúma!

Índia fala e ninguém compreende. Silêncio.

Apresentadora - Posso te ajudar?

Índia - Iuru jora acáá heim ente a cá.

Apresentadora - Ela fala que ninguém entende o que ela esta falando, lori cara , eu entendo

A índia fica um tempo olhado para a apresentadora.

Índia - Iaubara o que aio orura a gara ie aro mari
iobi iguaiu utura amgará io macare no pindorama
toidia ideguia hi cui, to uitia o de guia em cui ho.

Apresentadora - Eu morava em outra terra, com
muita gente, minha família estava toda lá, até que
um dia eu vi meu irmão saindo da mata.

Índia - Vaem xaramã, pió sykyê ,

Apresentadora - Ele chegou até a mim, espantado.

Índia - Abaçai cari, cari cari

Apresentadora - Ele gritava, homem branco, homem
branco! homem branco!

Índia - Pá coru vaem oca.

Apresentadora - Todo mundo saiu de sua oca.

Índia - I Iaé va ié keto maru cari abato nu igui.

Apresentadora - A lua já estava para nascer, quando
o primeiro homem branco acenou o braço...

Índia - Pareté mairo Igua acape na nuraga.

Apresentadora - Eles ficaram encantados com tudo
que viam.

Índia - Onhe Hendu ypiranga gui hembe Kangy'I
xondáro sapukai, "mandioca".

Apresentadora - Pássaros, bichos, peixes e
mandioca.

Índia - Kuaray aç a oexape vy nhanderesaka, hendy
pe arai re "e tatu" (risos).

Apresentadora - Insetos, frutinhas, pau-brasil e tatu.

Índia - Omboryryi agu'I "de tatu"! Openhara joo raminguá "um tatu"!!! (risos).

Apresentadora - Morriam de medo de tatu. Nunca tinham visto um tatu.

Índia - Nhande poxi'a oenoi nhane mano "cu do mundo"!

Apresentadora - Vieram vários viajantes de... lugares distantes.

Índia - Yvy hayupy Nhemboete "cara de retardado".

Apresentadora - Tinham uma... um olhar apaixonado.

Índia - Oúma Oúma "doidos"! Teko vy'a "peladas"

Apresentadora - Olhavam assombrados. As índias nuas.

Índia - Mbaraete py hendy pe "dos peitinhos"!

Apresentadora - E não tiravam os olhos de seus... seios.

Índia - Peitinhos!

Apresentadora - Seios.

Índia - Peitinhos!

Apresentadora - Seios.

Índia - Peitinhos!

Apresentadora - Seios!

Cena 4 – Botânica

Viajante Naturalista (canta) –

Sou racional

A razão que raciocina

Num espaço tridimensional

A ciência é minha sina

O mundo é minha cozinha

Sou um cientista natural

Eu quero o Pau-Brasil exótico

Com vigor tropical

Desejo o Pau-Brasil erótico

Com direito à tupi canibal

Na paisagem

Jurema, a “mimosa hostilis”

Na relva verde virgem

Chacrona, a “psychotria viridis”

Minha mente sem verniz

Para entender o selvagem

Eu quero o Pau-Brasil exótico

Com vigor tropical

Desejo o Pau-Brasil erótico

Com direito à tupi canibal

Escrava – Sinhozinho, sinhozinho! O que tem para o dia?

Viajante Naturalista - A Origem da vida é o grande problema do dia! A Origem da vida é o grande problema do dia! A Origem da vida é o grande problema do dia! Como o mundo orgânico chegou a ser o que é? Como o Brasil se tornou habitado? Quais os seres que o povoaram nas eras passadas?

Escrava –

Sinhozinho é moço bom

Que pensa no futuro

Quando vê um mamão verde

Já pensa no maduro

Viajante Naturalista – Eis a questão sobre a qual devemos desejar que nossa viagem tão fantástica traga algum esclarecimento razoável... Um resultado.... Haverá sempre uma grande lacuna na Geografia Botânica da Europa. Fiz o possível para evitar que semelhante falha ocorresse na história natural do Brasil. Gostaria de ter feito um trabalho mais completo...

Escrava –

Sinhozinho é moço bom

Que se interessa pela vida

Tão interessado

Que esquece de me dar comida!

Viajante Naturalista - As viagens são como fontes da história! Vocês ficarão surpreendidos ao verificarem que nos locais onde se ergueram cidades havia outrora apenas um ou dois casebres ou choças selvagens em meio à florestas. As florestas nativas constituem a parte mais interessante das paisagens brasileiras...

Escrava –

Sinhozinho é moço bom

Que aproveita a paisagem

Mas para levar suas “coiseiras”

Quem carrega é a mestiçagem

Viajante Naturalista – Florestas permeadas de selvagens que se escondiam em arbustos com espinhos malignos... em palmeiras com terríveis agulhões... se penduravam em cipós... Sons de aves, insetos, rãs, peixes.... Um maravilhoso espetáculo!!!!
E o índio solitário... perseguido pelas visões fantasmagóricas da sua rude imaginação...

Escrava –

Sinhozinho é moço bom

Gosta da natureza e o que ela dá

Mas se quer algum bicho

Mata até tamanduá

Viajante Naturalista - Desde os primeiros tempos da descoberta de Goiás, os índios caiapós conviveram uma eternidade com os aventureiros que aqui chegavam, e agora, de repente, sem nenhum motivo especial, passaram a hostilizá-los.

Escrava – Sinhozinho é moço bom...

Viajante Naturalista – (para a escrava bruscamente)

Cala essa boca! (para o público) Todos os índios, por natureza, são traiçoeiros e assassinos. Eles são irracionais, extremamente negligentes; merecem ser perseguidos e devidamente castigados.

Escrava –

Sinhozinho é moço bom

Bom pra quem nasce na Europa

Quando vê um preto ou índio

Ele esmaga com a bota

Índia - Iaubara o que aio orura a gara ie aro mari iobi iguaiu utura amgará io macare no pindorama toidia ideguia hi cui, to uitia o “toma no cu”.

Apresentadora séria olha repreendendo a índia.

Cena 5 – Mosquitos

Sons de várias buzinas, como se fossem mosquitos. Langsdorff – Diário de viagem. Primeiro de janeiro de 1827. Um ano penoso havia terminado e outro ano se inicia prometendo ser igualmente penoso. Nuvens de mosquitos nos cobriam, eram uma verdadeira praga, não no sentido figurado, mas no sentido concreto da palavra. Era impossível trabalhar ou escrever. Dentro das barracas não dava para ficar; sentamo-nos, então, na frente delas, apesar do sol quente, escaldante. Não conseguiam me picar através do casaco, entravam por baixo e atacavam pelas pernas, ou então pelo cachecol. Eles infernizavam a nossa vida; estávamos todos infelizes. Os corpos suados dos trabalhadores estavam cobertos deles. Cansados, exaustos, molhados de suor, sob um calor insuportável, e fugindo dos mosquitos, voltamos para as canoas, de novo cobertos por nuvens de mosquitos. A tortura diária roubando-nos o sossego e a alegria de viver. Ouvi muitas pessoas, aos gritos, perguntarem: “Bom Deus, por que o Senhor criou esses insetos, se eles só causam sofrimento e dor aos homens?” Quem quiser se penitenciar dos seus pecados, está

aí uma ótima oportunidade. Mas quero, com ênfase e insistência, alertar os futuros viajantes para as inúmeras dificuldades a que, inevitavelmente, terão que se sujeitar no Brasil. Ficar sob um sol escaldante, transpirando constantemente e se desidratando, e ainda sujeito a passar fome e sede. Frequentemente, nem por todo dinheiro do mundo, se consegue a mais ordinária das cachaças. É impossível fazer uma viagem confortável neste país.

Cena 6 – O aventureiro inglês

Apresentadora – Além dos cientistas que queriam catalogar, nomear e classificar a fauna, flora e os habitantes do Brasil, tem apareciam os aventureiros, traficantes, marinheiros e degredados. Como este inglês abandonado por um navio pirata no Brasil e se virou como pode.

Índia – Pareté mairo Igua acape na nuraga, “trambiqueiro”.

Apresentadora olha repreendendo a índia.

Anthony Knivet – Éramos doze português e um Inglês que sou eu. My names Antony Kvinet, conhecido no Brasil como Tonho Canivete. Depois

de desbravarmos matas e navegarmos por rios caudalosos, em busca do Eldorado, vimos casa em ambas as margens. Nos reunimos então para decidir O que seria melhor fazer.

Português 1 – Eu acho que o melhor e nos escondermos e tentar atravessar a tribo a noite.

Português 2 – O melhor e a gente se apresentar aos índios.

Português 3 – Eu acho que o melhor e a gente voltar para Portugal.

Anthony Knivet – OK. Eu decidi muito sabiamente que a melhor ideia seria irmos de encontro aos índios e lá fomos. Quando os índios nos viram... (Sons de índios se aproximando e aprisionando os aventureiros).

Anthony Knivet – Chegamos na aldeia e uma Ancião veio ate nosso encontro.

Ancião – E ai malandragem, o que vocês querem aqui, quem e que vocês são?

Portugueses (com medo) – Nos somos Português.

Anthony Knivet – (com sotaque inglês) – Je suis Francais

Antonhy Knivet – Durante três horas ficamos ali parados, quietos. Então os índios virem ate nos, pegaram um dos portugueses, amarraram uma

outra corda em sua cintura e o levaram para o terreiro.

Português – Ai Jesus Maria Jose, minha virgem Maria, me salva.

Ancião – E ai vei, sabe aquelas coisas que você gosta. Sabe aquelas coisas que você preza, pois e, pode se despedir delas que você nao vai ver elas mais nao.

Antonyh Knivet – Em seguida um jovem e vigoroso índio com a cara pintada de vermelho, disse.

Jovem Índio – E ai vei, você sabe quem eu sou. Sou aquele que matou seu pai, sou aquele que matou seu irmão e que agora vou te matar. Encatha.

Sensacionalista – Filma aqui. Acaba de ocorrer um assassinato na aldeia tamoio. Um índio com uma única cacetada acaba de matar o português que cai moto, duro no chão. Com um dente de coelho, começaram a retirar a pele do português, em seguida levaram ele para a fogueira. Depois disso, esfregaram-no todo com as mãos de modo que o que restava de pele saiu e só restou a carne branca. Então cortaram-lhe a cabeça e deram-na ao jovem que o matou, retiraram as vísceras e deram-nas às mulheres. Em seguida, o desmembraram pelas juntas. No dia seguinte ferveram cada junta num

caldeirão de fizeram uma sopa que será distribuída para toda a tribo. Durante três dias nada fizeram a não ser dançar e beber dia e noite. Depois disso vieram ate nos...

(Corporalmente repete a ação duas vezes diminuindo o intervalo de tempo, de pegar um português, leva-lo para o terreiro e mata-lo. Ao matar todos os portugueses pegam Anthony Knivet.)

Anthony Knivet – Oh my Good, no, no, no Je suis Fance, eu sou francês porra.

Ancião – Sabe aquelas coisas que você gosta, sabe aquelas coisas que você preza, se preocupa não, pois os franceses são nosso amigos.

Anthony Knivet – Lá eu andava completamente nu, sem usar nada, somente algumas folhas que amarrava no corpo por vergonha. Um dia, enquanto eu pescava sozinho por diversão, fiquei sentado pensando em como me achava e no que já tinha sido.

Apresentadora:

A descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo

Até a oitava da Páscoa

Topamos aves

E houvemos vista de terra

os selvagens
Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam por a mão
E depois a tomaram como espantados
primeiro chá
Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real
as meninas da gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
 Com cabelos mui pretos pelas espáduas
 E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
 Que de nós as muito bem olharmos
 Não tínhamos nenhuma vergonha.

Cena 7 – Estupro

A índia velha e grávida ri dos problemas do
 naturalista.
 Conta como ficou grávida por meio de um estupro.

Índia - Kapara amai anapa enao kapro cari

Apresentadora - Meu irmão falou que eles queriam sumir com nossos maridos,

Índia - Karytir cari marati camanara katria abaete

Apresentadora - Que o homem branco não era pessoa boa

Índia - Agage asé mairu agage

Apresentadora - Aquilo que não sai da cabeça

Índia - Agage asé mairu agage

Apresentadora - Aquilo que não sai da cabeça

Índia - Agage asé mairu agage

Apresentadora - Tá bom, fala logo o que não sai da cabeça!

Índia - Agage asé mairu agage! Agage asé mairu agage! Agage asé mairu agage

A índia e a apresentadora começam a brigar. A briga fica intensa a apresentadora estrupa a índia.

Cena 8 – Goiabas

Índio espalha varias goiabas enquanto canta. Depois esmaga todas elas.

Ator - Sou Pataxó, sou Xavante e Cariri, Ianonami, sou Tupi, Guarani, sou Carajá. Sou Pancararu, Carijó,

Tupinajé, Potiguar, sou Caeté, Ful-ni-o, Tupinambá.

Cena 9 – Uia

Papai Noel - Ho ho ho! Sou Papai Noel! E vim trazer muitos presentes pra vocês! (distribui para os índios: bugigangas, espelhos, isqueiros) Esse pra você... esse pra você... esse pra você... pra você não... você não foi um bom menino! Pra ganhar presente todo mundo já sabe, né? Tem que respeitar os pais, trazer ouro pro Papai Noel, comer muita fibra, cortar Pau Brasil, rezar pra papai do céu, tupã não, papai do céu! Senão, papai do céu diz pro Papai Noel colocar fogo no rio de vocês!

Tira a coca cola e enche de mentos. Todos ficam assustados, colocam o cocá da morte no Papai Noel e saem. Fica somente um com a garrafa. E joga “uia” com a plateia. Assim que alguém da plateia consegue deixar a garrafa em pé todos comemoram e colocam o cocá da morte nele.

Cena 10 – Baquaqua

Apresentadora – Esta terra é a pindorama do índios, a Terra da Vera Cruz lusitanas e o destino forçado e cruel de várias etnias trazidas da África. Apresento a história de Guardo Baquaqua!

Guardo Baquaqua- Os escravos foram enjaulados, colocaram-nos de costas para a fogueira e deram ordens para não olharmos nossa volta. Um homem se postou a nossa frente com um chicote na mão pronto para acoitar o primeiro que ousasse desobedecer. O navio estava a alguma distancia da praia. Escravos vindos de todas as partes do território foram embarcados. O primeiro barco alcançou o navio em segurança, apesar do vento forte e do mar agitado; o próximo a se aventurar, porém, emborcou e todos se afogaram. Ao todo, trinta pessoas morreram. Fui colocado no próximo barco. Mas Deus houve por bem me poupar, talvez por alguma boa razão. O navio negreiro, ninguém pode retratar seus horrores fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha sido confinado em seus portais. Mas vamos ao navio. Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em

pé. Noite e dia eram iguais para nós. A repugnância e a imundície daquele lugar horrível que nunca serão apagadas de minha memória. Não: enquanto a memória mantiver seu posto nesse cérebro distraído, lembrarei daquilo. A única comida que tivemos durante a viagem foi milho velho cozido. Sofríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu. Suponho que foi jogado ao mar. Quando qualquer um de nos se tornava rebelde, sua carne era cortada com uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico. Chegamos em Pernambuco, América do Sul, de manhã cedo. Mas só quando “a noite lançou seu manto de trevas sobre a terra e o mar”, deitaram ferros e nos permitiram ir ao convés para sermos vistos e manuseados por nossos futuros senhores. Quando desembarquei, senti-me grato a Providência por ter me permitido respirar ar puro novamente. Pouco me importava, então, de ser um escravo, havia me safado do navio e era apenas nisso que eu pensava.

Cena 11 – A festa de São Gonçalo

Apresentadora – De como os brasileiro celebram sua religiosidade.

Gentil de La Barbinais (comerciante francês) - Certa vez, partimos em companhia do Vice-Rei e de toda a Corte. Próximo da igreja dedicada a São Gonçalo nos deparamos com uma imensa multidão que dançava ao som de suas violas. Os dançarinos faziam vibrar a nave da igreja chamada de São Gonçalo. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para a sua idade quanto posição. Nós, queiramos ou não, acabamos por dançar e foi muito interessante ver dentro de uma Igreja Padres, Mulheres, Monges, Cavaleiros, e Escravos dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões Viva São Gonçalo! Viva São Gonçalo! Em seguida, pegaram uma pequena imagem do santo de sobre o altar e começaram a jogá-la para o alto, de um para outro. Viva São Gonçalo! Viva São Gonçalo! Festa carnavalesca com a imagem de São Gonçalo.

Todos (cantando):

São Gonçalo, balança, balança seu badalo

Tinha padre

Arrancando sua batinha para balangar

E também

O Rei e o Vice-Rei doido para dar

Na folia

Cu não tinha dono em cima do altar

O português

Também veio para celebrar

Cena 12 – Zoológico Humano

Apresentador – Neste ano de 1882, para comemorar do aniversário de D. Princesa Izabel, apresentaremos um espetáculo singular com várias criaturas exóticas. Um zoológico com seres excêntricos somente encontradas na terra brasilis! Atenção senhoras e senhoras preparem-se, pois vocês verão agora seres que jamais imaginariam existir, eleve seus pensamentos e concentre-se neles, mulheres e crianças protejam-se, e a você expectador peço muita atenção para o que vai

acontecer diante dos teus olhos! Como está velha índia, última da sua tribo, com centenas de anos! Dizem que sua tribo foi extinta pelo próprio Pedro Álvares Cabral! Que inclusive a engravidou! E como ela não quer dar luz ao seu algoz, vem gestando eternamente sua cria. Os Padres tem outra versão para está índia velha grávida. Ela está sendo punida por Deus! Por ter devorado tantos homens seu organismo não consegue digerir este violento e criminoso pecado capital! Porém, hoje também teremos diversão com animais adestrados! Um digno de um país Europeu! Aplausos! Com vocês, um animal em extinção, o gigantesco tamanduá-bandeira com suas garras pré-históricas capazes de estraçalharem um boi ao meio. Das terras de Goiás o devorador de pessoas, o selvagem índio da tribo Caiapó! E os não menos selvagens, os terríveis Botocudos! E vindo da África, o elo perdido entre os homens e animais, o negro Baquaqua!

Zoológico humano (cantando):

Pindorama embareté overá prendi

Morayu praen naio pio io pendi

Iivá poran pitori poti assí

Iorujorá angá encatcha

*To ichá odequia êênu haiqui
Iporanga, tanga ranga ada o quai quai
Toicha orecuia arranca vera
O iporan Reta equi
Até aeri Ee ioupi
Ivan peri qui two marangatu
You ai you Pindorama!*

O tamanduá se rebela selvagememente, ganha um tiro e morre .

Apresentador – E para o grande número final: De como os negros são cabeças duras! Alê UP!

O caiapó e botocudo sobem na cabeça de Baquaqua.

Apresentadora – E o nosso comentarista do dia é o cientista explorador russo o barão Georg Heinrich von Langsdorff:

Langsdorff - Os negros possuem um crânio bastante forte, que eles usam como arma de proteção. Já vi um negro abrir ou arrombar uma porta com o crânio. Seria isso consequência do hábito que têm de carregar as coisas mais pesadas na cabeça? É comum vê-los carregar oito ou mais arrobas em cima da cabeça, como, por exemplo, uma grande cesta cheia de roupa molhada, ou cheia de laranjas, ou uma mala que duas pessoas mal conseguem

levantar.

Cena 13 – Venda ao Padeiro

Guardo Baquaqua - Fui vendido a um padeiro. Além de mim, ele tinha quatro escravos. Ele era católico, e fazia regularmente orações com a família duas vezes por dia, mais ou menos da seguinte maneira: Nós todos tínhamos que nos ajoelhar de diante imagens feitas de barro; a família na frente e os escravos atrás. Fomos ensinados a entoar algumas palavras cujo significado não sabíamos. Também tínhamos que fazer o sinal da cruz diversas vezes. Enquanto orava, meu senhor segurava um chicote na mão e aqueles que mostravam sinais de desatenção ou sonolência eram prontamente trazidos a consciência pelo toque ardido do chicote. Em breve me puseram para trabalhar pesado, trabalho a que ninguém é submetido, a não ser escravos e cavalos. Era necessário buscar pedras para a construção a uma distância considerável, eram tão pesadas que três homens foram incumbidos de colocá-las sobre minha cabeça. As vezes, a pedra exercia tamanha pressão sobre minha cabeça que era obrigado a

jogá-la no chão

Cena 14 - Vila Boa de Goiás

Entram os pessoas com máscaras de animais do cerrado e vestindo roupas de época. As máscaras e as roupas são brancas. Nos atores projeção de imagens urbanas e contemporâneas de Goiânia.

Viajante - Nesta cidade de Vila Boa, em Goiás, não tem absolutamente vida social. Cada um vive em sua casa e não se comunica com ninguém. Todos os homens, até o mais humilde obreiro, têm uma amante. A libertinagem tornou-se um hábito. Os próprios padres autorizam por seu mau comportamento, e muitas vezes, digo-o com relutância, o próprio padre faz-se acompanhar da amante quando vai à igreja. Durante o dia só se vêem homens nas ruas da cidade. Tão logo chega a noite, porém, mulheres de todas as raças saem de suas casas e se espalham por toda parte, mas seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus gestos são desgraciosos e sua voz não tem doçura. São inibidas e estúpidas, e se acham reduzidas praticamente ao

papel de fêmeas para os homens. Eles encontram na aguardente o estimulante que os arranca por alguns instantes de sua apatia e os impede de sentir a monotonia de sua existência. Fica assim explicado o gosto generalizado pela cachaça entre seus habitantes.

Cena 15- Malária

Apresentadora - Das reações adversas do viajante naturalista à malária.

1º Langsdorff - Não dou notícia do que aconteceu até hoje. Tive febre altíssima, timpanite e infecção das vísceras, não sabia mais o que estava fazendo. Mas hoje, dia do meu 55º aniversário, estou me sentindo melhor e quero fazer as seguintes observações (desmaia).

2º Langsdorff - Novamente uma lacuna de dois dias. Dois dias infelizes. Não pensei que passasse do dia de ontem... Hoje, porém, consigo novamente controlar meu corpo, mas não meu espírito. Passei esses dois dias inconsciente, delirando; Eu ainda tinha muita febre passava horas suspirando, gemendo, gritando. À noite me fizeram descer

da canoa, quase contra minha vontade; eu teria dormido lá mesmo, não fossem os mosquitos me torturando e a chuva forte que ameaçava cair. Por hoje chega, pois estou me sentindo muito fraco para falar. (desmaia).

3º Langsdorff - Com a ajuda e assistência de Deus, estou vivo e posso escrever... Passo a maior parte do dia e da noite inconsciente e entregue aos mais fantásticos sonhos. Mais dois dias deploráveis: febre constante, inapetência total e jejum quase completo. Todos à minha volta também estão doentes; apenas Florence está em condições de escrever o diário (desmaia).

4º Langsdorff - Caí num sono leve, não sei por quanto tempo, e tive um sonho muito agradável: eu me vi doente em Paris, o meus amigos preocupados com minha doença e me mandando as melhores geléias de frutas. Se Deus quiser, prosseguiremos viagem hoje. As provisões estão acabando, mas ainda temos pólvora e chumbo (desmaia).

Hércules Florence - O relato foi interrompido rispidamente devido ao agravamento do estado de saúde do viajante naturalista. Embora não tenha morrido, ele nunca recobriria a sanidade mental, consequência de inúmeras febres que o

agrediram no fim de sua estada no Brasil. Em sua terra natal tentava escrever todos os dias diante de sua escrivania, mas só produzia garranchos incompreensíveis, sem nexos, ilegíveis, díspares. Falecendo, assim, após 23 anos.

Cena 16 - Mênage ou Dança dos três

Musica que fala de um amor a três- bolero.
Dança entre a índia, Baquaqua e a manipuladora branca

*Éramos três
eu você e a outra
Desterrados em uma terra
Onde faz hehem para ganhar vintém
Amávamos nós, os três*

*A noite dormíamos na rede
Eu você e a outra
e lá fazíamos serão
um amor tão raso e louco*

que me enchia de tesão

*No dia que você se foi
ficou eu e a outra
mas ainda sentimos teu perfume
que nos embriaga e nos deixa tonto
sem saber o que nos fomos
alterando nossos costumes*

Eu você e a outra

Durante a dança a índia sente as dores do parto.
Nasce um bebê com cocá e segurando uma maracá.
Todos os atores vêm receber o rebento.

Bebê – Aí que preguiça!

Entram dentro da oca.

FIM

Fechando nosso eBook

Chegamos ao final de mais uma produção que, juntamente com todo repertório desenvolvido pela Cia de Teatro Nu Escuro, agrega ao intuito de, a cada dia, a cada apresentação e a cada projeto, nos tornarmos mais conscientes de nossos atos e representações, valorizando as relações humanas.

Este e-book, ao mesmo tempo que registra e documenta um trabalho desenvolvido pela Cia por uma década, abre os caminhos de mais um projeto, Barbas.

Esperamos que os próximos espetáculos nos tragam viagens, reuniões, festinhas, prêmios, cachaças, ressacas, filhos, choros, risos, conquistas, decepções, músicas, bonecos, borderôs, cachês, chapéus, praias, cachoeiras, aeroportos, hotéis, vans e festivais.

Histórias e estórias, para novos e-books.

Gratidão.

Colofão

Os textos deste eBook foram primeiramente digitalizados no software Word da Office/Microsoft e teve sua editoração final trabalhada no Software InDesign da Adobe. As fontes principais foram as Calibri para títulos e subtítulos e a Cambria para os textos corridos.

Optamos pelo layout fixo com fundo amenzador e parágrafos suaves evidenciados pela entrelinha. Finalizado em Julho de 2020.



Encontre-nos por aqui:
<https://linktr.ee/nuescuro>

ou escreva-nos para:
nuescuro@gmail.com